

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

BRUNO MARTINS RAPOSO

**ESCOTISMO E EDUCAÇÃO INTEGRAL EM JUIZ DE FORA: O GRUPO CAYUÁS
DO INSTITUTO METODISTA GRANBERY (1927 – 1932)**

JUIZ DE FORA
2008

BRUNO MARTINS RAPOSO

**ESCOTISMO E EDUCAÇÃO INTEGRAL EM JUIZ DE FORA: O GRUPO CAYUÁS
DO INSTITUTO METODISTA GRANBERY (1927 – 1932)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior

JUIZ DE FORA
2008

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos meus pais, Maria e Ruy, que oportunizaram viver essa viagem.

Ao Sol da minha vida: Júlia

À minha amante, mulher, musa, pequena e nada fácil companheira Marianna.

Aos amigos e professores Carlos Fernando, Lola e Victor, que bem poderiam representar todos os mestres que tive ao longo da vida escolar.

A todos os meus amigos e familiares que de alguma forma me ajudaram durante esse período.

Ao Colégio Pedro II, à Universidade Federal de Juiz de Fora e, em especial, ao Instituto Metodista Granbery.

Às minhas queridas turmas.

Muito obrigado a todos vocês!

“A educação, tal como a entendo, não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimentos, mas sim, em despertar-lhe o desejo de conhecer e indicar-lhe o método de estudo”

(POWELL, 1923, p.11)

RESUMO

Essa é uma pesquisa que pretende investigar a presença do Escotismo no Departamento Primário do Instituto Metodista Granbery de Juiz de Fora entre 1927 e 1932 e sua participação na formação do aluno do colégio. Assim como o primeiro regulamento da instituição, as formulações educacionais de época (Escola Nova) traziam uma proposta que defendia uma educação integral do aluno (moral, intelectual e física). Na tentativa de uma aproximação com o cotidiano das ações escoteiras nas escolas juizforanas, elegemos o Instituto Metodista Granbery que organizou o grupamento escoteiro “Cayuás”. Para tanto, analisamos os documentos encontrados no arquivo da instituição, tais como as atas dos escoteiros do Granbery, fotos e os periódicos “O Granbery” e “A Bandeira Cayuás”. O desenvolvimento do estudo ampliou nossas compreensões sobre as necessidades políticas, sociais e culturais que fundamentaram a chegada do Instituto Granbery em Juiz de Fora, a inserção na instituição do Movimento Escoteiro e as relações com o pensamento escolanovista e com a concepção de ensino pensada pelo colégio. Nosso principal resultado indica que o Escotismo foi entendido pelos dirigentes granberyenses como um recurso adequado para a formação dos filhos da elite de Juiz de Fora, contribuindo, especialmente por seu viés moral, para a educação integral do granberyense.

Palavras-chave: Educação Integral. Ensino Primário. Escotismo. Granbery.

ABSTRACT

This is a research that intends to investigate the presence of the scout movement in the primary department at the Granbery Methodist Institute from Juíz de Fora between 1927 and 1932 which is believed to have contributed for the education of the students from that school. Exactly like the regulation of the institution, the educational programmes at that time (New School) would bring a new trend which would defend a full educational system, that is, the student should learn how to improve his capacity in all ways (mentally, intelectually and physically). Since there was an attempt to make the students` actions be similar to the scout boys` routine, all or at least most schools from Juiz de Fora, we can highlight the Granbery Institute, by the way, whose team was named "Cayuás", so much so that we analysed some documents that have been found in an institutions'file, such as the scoutboys'writings from the Granbery Institute, pictures and the seasonal objects like the Granbery itself and the Cayuás flag. The development of the study helped us on how to understand the political, social and cultural needs, which were essential for the Institute's coming and beginning in Juiz de Fora, and the input of such culture, that is, the scout movement and how it is related with the New School thought and the teaching conception, which had previously been thought by the school. Throughout our studies we could perceive that the scout movement was taken by the Dean from Granbery as the greatest way in order to educate the elite's children from Juiz de Fora, therefore, we can say that it has straightly contributed for the Granbery full educational system.

Keywords: Full Educational System. Primary Education. Scout. Granbery.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Como vencer na vida	19
Figura 2 – O reconhecimento na natureza da presença de Deus	24
Figura 3 – As tentações da vida moderna e possíveis maneiras para delas se livra.....	25
Figura 4 - O “G” dourado, símbolo do Instituto Granbery, envolvido pelas bandeiras dos Estados Unidos da América, de onde vieram os metodistas, e do Brasil, país que recebia a instituição de ensino.....	38
Figura 5 - Figura 5 – Os professores do Instituto Granbery com a presença do diretor Dr. Walter Harvey Moore, sentado e centralizado.....	42
Figura 6 - Cerimônia de apresentação ao público e de investidura do Grupamento Escoteiro do Instituto Granbery. Parque Halfeld, Juiz de Fora	46
Figura 7 - Primeira aparição pública do Cayuás	47
Figura 8 – Flor de Lis, símbolo do Escotismo	48
Figura 9 - Croqui de um acampamento do Cayuás	52
Figura 10 – Escoteiros Granberyenses	55
Figura 11 – Escoteiros Cayuás na sede do grupamento, no próprio colégio	56
Figura 12 - Os três prédios principais: Tarboux, Granbery e Lander.....	67
Figura 13 – Propaganda de época do Instituto Granbery.....	68
Figura 14 – Propaganda do Instituto Granbery que faz menção ao tipo de educação que a instituição oferece	69
Figura 15 – As turmas que representam os cinco anos do curso primário do Instituto Granbery	70
Figura 16 – Alunos externos do Departamento Primário	71
Figura 17 – Alunos internos do Departamento Primário.....	71
Figura 18 – Tiro de Guerra 122, destinado aos alunos do ensino secundário do Instituto Granbery	72
Figura 19 – Tiro de Guerra 122	73
Figura 20 - Grupo Escoteiro Cayuás – Departamento Primário	73
Figura 21 – Cayuás	74
Figura 22 – Propaganda do Instituto Granbery que indica a importância dada à educação física do granberyense	75
Figura 23 – Equipes desportivas do Instituto Granbery.....	76
Figura 24 – Matéria publicada no periódico da instituição sobre os resultados alcançados pelo Granbery nos torneios e apresentações que as equipes desportivas, comandadas pelo professor Caetano Evangelista (em destaque), participavam.....	77
Figura 25 – Aula de ginástica	78
Figura 26 – Aula de ginástica	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 ORIGENS DO ESCOTISMO E SUA BASE MORAL	13
1.1 - O modelo de Baden Powell	15
1.2 - As bases morais do Escotismo.....	17
CAPÍTULO 2 A CHEGADA DO ESCOTISMO NO BRASIL E NAS TERRAS MINEIRAS	27
2.1 - O Escotismo em Minas Gerais.....	30
2.1.1 - <u>Juiz de Fora e o Movimento Escoteiro</u>	32
CAPÍTULO 3 O INSTITUTO METODISTA GRANBERY, AS INSPIRAÇÕES DA ESCOLA NOVA E O GRUPO ESCOTEIRO CAYUÁS	35
3.1 - O Metodismo e sua atuação educacional em Juiz de Fora.....	35
3.2 - Escola Nova, Educação Primária Nacional, Instituto Granbery e Escotismo.....	39
3.2.1.- <u>Cayuás: O Grupo Escoteiro do Instituto Metodista Granbery</u>	44
3.2.1.1 - Os acampamentos do Cayuás_.....	50
3.2.1.2 - As reuniões do Cayuás_.....	52
3.2.1.3 - Os jogos escoteiros, os exercícios e suas finalidades, hábitos saudáveis e outras atividades do escotismo granberyense.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61
ANEXO 1	66

INTRODUÇÃO

A temática que abordo na presente Dissertação de Mestrado é inspirada em reflexões que começaram no Curso de Especialização “Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Física Escolar” que concluí em 2006 na Faculdade de Educação Física e Desportos (FAEFID) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). As idéias foram sistematizadas através de minha participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte (GEPHEFE), organismo de pesquisa cadastrado no CNPq, vinculado a FAEFID-UFJF.

Já na elaboração do anteprojeto para o processo de seleção do Curso de Especialização meu interesse voltava-se para a História da Educação Física no Brasil, especialmente no período entre os anos 1920 e 1930. É interessante observar que a área em questão já produziu diversos estudos sobre a Educação Física entre a segunda metade do Século XIX e a virada para o Século XX, como também no período compreendido entre as décadas de 1960 e 1980. No entanto, alguns intervalos de tempo ainda não mereceram dos estudiosos um número significativo de pesquisas, como no caso dos anos 20 e 30. É evidente que as lacunas são parte do caminho que a historiografia da educação física brasileira vem traçando, mas este saber escolar necessita ser mais bem analisado nesse período em que avançou no Brasil um renovado e significativo movimento pedagógico, a chamada “Escola Nova”.

Nossa pesquisa teve início com a preocupação de analisar a relação da Educação Física com o “Movimento Escolanovista” que, segundo Jorge Nagle (2001), materializou-se no país através de reformas da instrução pública em Estados brasileiros. Quando voltamos nossos olhos para o Estado de Minas Gerais notamos a quase inexistência de pesquisas sobre o assunto. Segundo Ana Maria Casasanta Peixoto (2004), o documento que marca a entrada do ideário escolanovista em terras mineiras é o Regulamento do Ensino Primário de outubro de 1927. O texto representava uma Reforma da Instrução Pública do Ensino Primário e foi implementado por Francisco Campos, Secretário de Estado dos Negócios do Interior da província de Minas Gerais.

A preocupação com a Educação Física estava nítida no Regulamento. Ele

instituiu uma “Inspetoria de Educação Física” que, entre outras funções, teria que tratar: (1) da organização de programas e horários de exercícios físicos, jogos e ginástica, de acordo com as estações e circunstâncias locais, idade e desenvolvimento físico das crianças; (2) da inspeção das aulas de Educação Física; (3) da formação de professores dessa especialidade; (4) da organização e orientação do “Pequeno Escoteirismo” nas escolas públicas, formando e preparando o necessário corpo de instrutores.

Chamou nossa atenção no documento a referência ao chamado “Pequeno Escoteirismo”. Que importância teria o Movimento Escoteiro, uma pedagogia não-escolar em sua origem, para ser inserido como prática escolar do ensino primário em Minas Gerais? Havia relações entre o “Pequeno Escoteirismo” com a chegada dos ares escolanovistas no Estado?

Notemos que o texto da Reforma da Instrução Pública de 1927 contém um capítulo unicamente destinado ao “Pequeno Escoteirismo”. O Artigo 207 afirmava que “será instituído entre os alunos das escolas primárias, com caracter facultativo e como instrumento de educação physica, moral e cívica, o pequeno escoteirismo” (p.1203). Os responsáveis pelas lições de Escotismo seriam os instrutores escoteiros e as atividades deveriam ocorrer fora dos dias de funcionamento da escola, de acordo com orientações aprovadas pelo diretor da instituição e do médico escolar.

Que necessidade esse projeto pedagógico, influenciado pelas idéias escolanovistas, tinha em “pedagogizar” o tempo não-escolar dos alunos do ensino primário? E por que o “Pequeno Escoteirismo” foi eleito como prática para atingir este fim?

A Monografia do Curso de Especialização (RAPOSO, 2007) aproximou-me dessas questões, mas é na Dissertação de Mestrado que tenho a oportunidade de aprofundar o tema e procurar analisar as relações entre o Escotismo, o Movimento da Escola Nova e o Ensino Primário de Juiz de Fora nos anos próximos a 1920 e 1930.

Na tentativa de ampliar os ângulos das reflexões propostas, procurei a aproximação com a materialidade das práticas do Escotismo em Juiz de Fora no período em questão. O historiador Ciro Flamarion Cardoso (1994) argumenta que “efetivamente, a ausência de fontes impede que um historiador possa realizar plenamente a sua função: como comprovar, sem elas, as suas hipóteses de trabalho?” (p.51). Foi realizada pesquisa de fontes em arquivos de Juiz de Fora e

não localizamos fontes suficientes que nos auxiliassem na análise do Escotismo nas escolas públicas da cidade. Só nos foi possível investigar o Movimento Escoteiro através das ações desenvolvidas no Instituto Granbery, instituição de cunho metodista fundada na cidade em 1890. O Granbery inaugurou no ano letivo de 1927 o grupamento escoteiro “Cayuás”. Assim, mais um elemento precisou ser incorporado em nossas reflexões e análises, ou seja, o Instituto Granbery e sua pedagogia metodista.

Que fatores e idéias comuns aproximaram o Escotismo, a Escola Nova e o Instituto Granbery em Juiz de Fora entre os anos 20 e 30?

Nossa análise busca responder essa questão.

O Granbery conta com um arquivo histórico organizado, no qual foram encontradas e analisadas fontes datadas no período entre 1927 e 1932: atas das reuniões do Grupo Cayuás, fotografias das atividades escoteiras e edições do jornal “O Granbery” e “A Bandeira Cayuás”.

O referencial teórico da presente pesquisa se identifica com o fazer historiográfico (ROCHA, 2004) proposto a partir da chamada História Nova. A metodologia adotada constou de revisão bibliográfica dos temas pertinentes à pesquisa e da análise de fontes escritas e iconográficas.

O desenvolvimento do estudo ampliou nossas compreensões sobre as necessidades políticas, sociais e culturais que fundamentaram a chegada do Instituto Granbery em Juiz de Fora, a inserção na instituição do Movimento Escoteiro e as relações com o pensamento escolanovista.

No primeiro capítulo abordamos o movimento escoteiro em sua gênese na Europa de fim de século XIX e nos debruçamos sobre o embasamento moral a partir do qual foi edificada a obra do General Baden Powell, considerado como “Pai do Movimento Escoteiro”.

No segundo capítulo procuramos retratar Juiz de Fora, o Brasil República, a conjuntura social que recebia o Escotismo e a vinculação oficial da prática escoteira às escolas de ensino primário.

No terceiro capítulo discutimos o Metodismo enquanto orientação filosófico-religiosa surgida no interior de uma universidade inglesa que defende a liberdade - de expressão, religiosa, de pensamento, de consciência - e apresenta uma ética protestante diferente da católica. Abordamos a chegada de um colégio metodista em Juiz de Fora, sua concepção de ensino articulada à discussão

educacional do período (escola nova) e seu modelo de vida social/produtiva. Assim como analisamos a atuação educacional do Cayuás junto aos granberyenses. Sua teoria, sua organização no tempo e no espaço, suas atividades, seus princípios, suas particularidades, enfim, o resultado do trabalho de campo realizado no arquivo do colégio e dialogado com a literatura acadêmica.

Encerro a dissertação com as considerações finais em torno da presença e da atuação do Escotismo no Instituto Granbery da Igreja Metodista.

CAPÍTULO 1 - ORIGENS DO ESCOTISMO E SUA BASE MORAL

Esse primeiro capítulo tem por intenção apresentar a doutrina escoteira em sua origem - o exército britânico – articulada ao panorama da Europa de *fin-de-siècle*¹ onde ela nasceu, bem como apresentar o embasamento moral sobre o qual se edificou a obra escoteira.

O Escotismo foi criado na Inglaterra por Robert Stephenson Smith Baden Powell (1857-1941). Powell nasceu na Inglaterra e quando jovem integrou vários grupamentos militares em países dominados pelo país, tais como Afeganistão, Índia, África do Sul, Ilha de Malta e Gana (NASCIMENTO, 2002). No exército imperial, lutou contra levantes nas colônias e defendeu os interesses da Coroa Britânica. Era considerado um estrategista, escreveu alguns livros sobre temas militares e ascendeu rapidamente na hierarquia do exército.

Aos vinte e seis anos Baden Powell era Capitão do Exército e em “*Aids to scouting for non-commissioned officer and men*”, livro por ele publicado em 1900 (POWELL, 2006), sugere como metodologia para o exército a formação de pequenos grupos de treinamento que desenvolvessem suas próprias dinâmicas durante as expedições militares. Baden também defendeu junto ao exército inglês os jogos como método educacional para que o soldado desenvolvesse seu senso de iniciativa, a confiança em si mesmo, a perspicácia, a astúcia, a adaptabilidade, a bravura, a lealdade e o senso de dever. Pensando no público infantil como futuros soldados e como cidadãos úteis a Pátria, Baden Powell era defensor de um método educacional que pudesse efetivamente contribuir para a formação de uma juventude britânica produtiva e forte, do ponto de vista moral e físico.

Vale destacar que o contexto político, social e cultural da Europa ajuda a explicar o pensamento elaborado por Baden Powell e outros intelectuais da época. A Europa do fim do século XIX vivia uma crise de valores, de princípios morais e éticos (WEBER, 1988). O paradoxo da Modernidade trazia o avanço tecnológico em vários setores, mas também as rebeliões, as guerras e outros problemas. A vida urbana diminuiu a diferença entre o poder de consumo entre os mais pobres e os mais ricos. Famílias da classe operária começavam a ter acesso a bens e novos hábitos, como comprar vinho para tomar às refeições e uma maior participação em atividades de

¹ A expressão *fin-de-siècle* é apropriada quando o estudo se dirige às últimas décadas do século XIX e às primeiras do século XX.

lazer. Na França, por exemplo, este ambiente alterava o estilo de vida das pessoas e trazia hábitos mais freqüentes e públicos de ingerir bebidas alcoólicas e fumar. O Escotismo vai combater severamente estes hábitos em nome da saúde, da moral e da regeneração dos cidadãos e da sociedade da época.

O final do Século XIX testemunhou, na Europa, além do aumento do consumo do álcool e do fumo, o incremento do uso de outras drogas. Estas questões afetaram diretamente o pensamento de intelectuais europeus da época, inclusive Baden Powell, como no fragmento abaixo, que viu no Escotismo uma tentativa educacional de combater estes comportamentos em prol de uma juventude com caráter saudável, forte e útil ao país:

Pois bem, a objeção é que a bebida significa sempre para o pobre infeliz se arruinar o corpo e a mente. Ele perde todo o controle de sua vontade, e perde também a sua capacidade de trabalho; e esses dois pontos são os principais componentes do 'caráter' (POWELL, 2007, p.70).

Segundo Weber (op. cit.), toda a Europa passa por mudanças que afetam diretamente o estilo de vida da população neste período, incluindo uma maior preocupação e interesse pelo ar puro, pela ginástica, pelos jogos, pelo esporte e pela regeneração física. Assim, percebemos que este era um terreno fértil para a ascensão de modelos e projetos pedagógicos moralizadores que se valessem das práticas corporais, como no caso do Escotismo defendido por Powell na Inglaterra. A Europa que engendrou o Escotismo protagonizou o século "mais fértil em descobertas e prodigioso nas ciências. A *belle époque* presenciou uma revolução mecânica, industrial, física, portanto, também moral" (op. cit., p.265). Enfim, fatores de várias ordens (culturais, sociais, políticos) permearam o contexto eclético em que se deu a criação e o desenvolvimento do Escotismo em terras européias.

Em 1907 começa a história do Movimento Escoteiro enquanto proposta educacional para os jovens britânicos. Powell pediu demissão do Exército onde havia chegado a Tenente-General (POWELL, 2006).

Em 1912 fez viagens ao redor do mundo para se por em contato com os escoteiros de muitos outros países. Foi este o primeiro passo para fazer do Escotismo uma Fraternidade Mundial (Ibid., p.16).

Em 1920, escoteiros de todo o mundo se reuniram em Londres para a primeira concentração internacional – o primeiro “Jamboree Mundial”, uma espécie de acampamento. Na última noite do encontro, Baden Powell foi aplaudido pela multidão de rapazes e foi proclamado “Escoteiro-Chefe-Mundial” (Ibid.). Powell esteve presente também no Jamboree da Dinamarca em 1924, em 1929 na Inglaterra, em 1933 na Hungria, em 1937 na Holanda e até quando foi possível, continuou difundindo pelo mundo o seu ideário. Depois de completar oitenta anos de idade, regressou à África com sua esposa. Ficaram residentes no Quênia. Foi lá que ele morreu em 8 de janeiro de 1941.

A criação do movimento guarda relação com o contexto de depressão econômica e moral por que passava a Europa nesse período. Dessa forma, alcançou sucesso em função de levantar em suas bases ataque às questões vistas há pouco, como o fumo e o álcool, bem como pela defesa dos valores nacionalistas tão caros aos países europeus da época, pois, vale lembrar que a formação dos estados nacionais ainda estava em movimento.

Baden Powell objetivava estender à juventude britânica um processo educativo cujo destaque era o desenvolvimento dos valores morais e patrióticos. Encorajar individualmente cada jovem, desenvolver sua inteligência, sua capacidade de iniciativa, sua força moral e física, seu amor à nação eram objetivos fundamentais de Powell.

1 1 - O modelo de Baden Powell

O militar Baden Powell tinha sérias restrições ao treinamento desenvolvido pelo exército e seus objetivos. Em sua autobiografia, ele critica a rigidez característica do disciplinamento militar que produzia soldados sem individualidade e sem força de caráter: “Eram completamente sem iniciativa, imaginação ou disposição” (POWELL apud NASCIMENTO, 2002, p.49). Assim, organizou seu modelo escoteiro a partir de uma concepção menos rígida e militarizada do que, por exemplo, a “*Boys Brigade*”, uma das muitas organizações juvenis paramilitares que existiam na Inglaterra. Parece-nos que Baden Powell ao elaborar as idéias fundamentais do Movimento Escoteiro tinha como objetivo principal auxiliar e modificar o caráter dessas organizações e não propriamente criar

um novo movimento.

O Escotismo assumiu destaque e, mesmo colocando em prática um modelo pedagógico menos rígido e severo do que o oferecido pelo exército e outras organizações paramilitares inglesas, visava o treinamento da infância para auxiliar a pátria sempre que necessário. Mais uma vez é preciso ressaltar que as disputas territoriais européias e o risco premente de enfretamento entre os países do continente indicam o caráter paramilitar assumido pelo Escotismo. Contudo, Powell sempre afirmou em suas obras que o Movimento Escoteiro pretendia o desenvolvimento da Inglaterra como nação forte e fraterna.

O projeto de uma Inglaterra forte passava necessariamente, de acordo com Baden Powell, pelo trabalho desenvolvido com o corpo e o caráter da juventude inglesa. A psicologia de Stanley Hall fundamentou a formação do caráter, uma das principais defesas do Escotismo. Em seu livro “Adolescência, sua psicologia e suas relações com a fisiologia, antropologia, sexo, crime, religião e educação”, o pesquisador americano defende que a adolescência é o período na vida da pessoa correspondente à época entre a selvageria e a civilização (ZUQUIM; CYTRYNOWICZ, 2002). Powell assimilou a tese e os primeiros “*Handbook of Scout Masters*” (Guias de Chefes Escoteiros) baseavam-se na teoria de Hall e, utilizando sua seqüência de desenvolvimento, propunham atividades específicas para cada idade.

O Escotismo possui outras referências e inspirações, como os movimentos “*Woodcraft Indians*”, do americano Thompson Seton, e a obra “*The law of the jungle*”, de Rudyard Kipling. Seton, por exemplo, no mesmo período em finais do Século XIX, julgava que a América, devido ao seu crescimento urbano, à industrialização e à má influência das competições esportivas, possuía parte de sua população em “franco processo de degeneração, imersos em falsas idéias, numa frouxidão moral [...] um bando de fumadores de cigarro, com nervos débeis e vitalidade duvidosa” (ZUQUIM; CYTRYNOWICZ, 2002, p. 49). Kipling defendia a vida selvagem, próxima à natureza, como uma forma de se afastar do utilitarismo e da crise moral que afetava a sociedade de então.

Baden Powell se apropriou dessas idéias para edificar sua fábrica de caráter: ambiente natural, senso de dever, disciplina, responsabilidade, engenhosidade, habilidade manual, iniciativa, religiosidade, equidade, prestatividade e servir ao país. Estes eram objetivos e procedimentos utilizados pelo Escotismo

para garantir que a juventude britânica tivesse uma saudável passagem do estado selvagem para o da civilização.

Em agosto de 1907, Baden Powell e mais vinte rapazes fizeram um acampamento na Ilha de Brownsea, no Canal da Mancha, e puseram em prática a proposta educativa (POWELL, 2006). Esse acampamento originou a obra-referência do Escotismo intitulada “*Scouting for Boys*”, na qual é apresentada a “Arte Mateira”².

Ao longo do tempo, Baden Powell ganhou prestígio e passou a proferir conferências para divulgar o movimento na Inglaterra. Formar uma juventude desenvolvida física e moralmente que pudesse alavancar o desenvolvimento da nação inglesa era o objetivo central do pensamento de Baden Powell. Para ele, o melhoramento do caráter e da saúde dos futuros cidadãos deveria ser a finalidade a ser divulgada e perseguida na Inglaterra.

Era preciso descobrir os pontos fracos do caráter nacional e esforçar-se por erradicá-los, substituindo-os por virtudes equivalentes que os programas escolares não mencionavam. As habilidades manuais, as atividades ao ar livre e o serviço ao próximo estavam na vanguarda desse programa escoteiro (POWELL, apud NASCIMENTO, 2002, p.50).

A citação anterior é importante para percebermos que o Movimento Escoteiro e Baden Powell fazem severas críticas à educação escolar inglesa, segundo ele, conservadora nos seus métodos e preocupada sobremaneira com os conteúdos clássicos. O Escotismo, portanto, apresenta-se como uma pedagogia não-escolar ou, pelo menos, em combate ao modelo educativo vigente na época.

A preocupação de Baden Powell com os rumos da juventude era, portanto, uma importante justificativa de sua obra, que rejeitava os males trazidos pela vida moderna.

1.2 - As bases morais do Escotismo

A felicidade não é um simples prazer, nem conseqüência da riqueza. É mais o resultado do trabalho ativo, do que o gozo passivo de um prazer (POWELL, 2007, p.11)

² A expressão “mateira” refere-se à pessoa que trabalha como guia para outras pessoas em função de possuir experiência em matas cerradas. No Escotismo brasileiro define o conjunto de técnicas escoteiras para a sobrevivência em acampamentos.

Como vimos a defesa que Baden Powell faz para justificar seu ideário escoteiro leva em consideração o cenário urbano que caracterizava a Europa na virada do século XIX para o XX. Powell aconselhava a juventude a levar uma vida plena, afastada da atmosfera inglesa das ruas que ele julgava nociva. O criador do Escotismo apresentava aos jovens o caminho para o sucesso, apontando os obstáculos com os quais eles poderiam se deparar nessa jornada. Baden Powell defende o que ele classifica como “caminho” sugerindo que não se tratava de “vagabundear sem destino, mas, sim, descobrir, como um pioneiro, sua rota por agradáveis veredas, tendo em vista um objetivo definido, e tendo uma idéia das dificuldades e perigos que provavelmente encontrará no percurso” (POWELL, 2007, p.16).

Powell afirma que a felicidade era o único sucesso verdadeiro e que ela estaria ao alcance de qualquer pessoa. Dizia ele que ser feliz é ser solidário, ser ativo, uma vez que o homem tem braços, pernas e cérebro e, com isso, tem condições de, ao invés de ficar esperando, construir a sua e a felicidade coletiva. Powell rejeita a idéia de felicidade material ao afirmar que “o que é feliz é rico, o que não quer dizer que aquele que é rico é feliz” e compreende o prazer não como sinônimo de felicidade, por ser passageiro. Pelo contrário, a felicidade é um estado que “fica sempre ao nosso lado e enche a vida” (Ibid., p.19)

No entanto, alguns obstáculos, chamados por Baden Powell de “escolhos”, podem aparecer no meio da caminhada rumo à felicidade. Vimos que o fumo e o álcool eram exemplos destes escolhos, assim como o jogo, os tapeadores, as mulheres, a irreligião, entre outros que veremos a seguir. O jogo de azar poderia levar à vadiagem e às apostas. A profissionalização dos esportes com categorias organizadas por Federações Nacionais e Internacionais (Turfe, Futebol e Boxe) degradava este conteúdo e subtraía-lhe seu caráter de passatempo “*limpo e verdadeiro*”³ (Ibid., p.39).

Nas modalidades em que existem apostas, como o Turfe, há um controle exercido por parte de órgãos governamentais. As apostas são encaradas por Baden Powell como desperdício de dinheiro, e, portanto, torna o jogo “idiota”. O jogo com essa feição desenvolve um traço perverso de caráter, a cobiça, e “onde entra a cobiça, desaparece a honestidade” (Ibid. 39). Para ilustrar o mal das apostas é apresentada por Baden Powell uma estatística organizada com os resultados das

³ Para Powell, verdadeiro esporte quer dizer qualquer espécie de jogos ou atividades que façam bem à pessoa, nas quais, ao invés de assistir, a pessoa jogue.

perdas de apostas, nos doze anos anteriores a Primeira Grande Guerra, em Londres: suicídios ou tentativas de suicídio com duzentos e trinta e quatro casos; roubos e fraudes com três mil duzentos e trinta e quatro casos e quinhentas e trinta falências.



Figura 1 – Como vencer na vida.
Fonte: Powell (2007).

No quadro elaborado por Baden Powell, a presença das qualidades morais, em particular, traz temas importantes de se debater. A capacidade de trabalho, a perseverança, a saúde, o exercício, a higiene são preocupações constantes na obra escoteira e tem em seu veio o combate à crise moral por que passava a Europa de fim de século. Isto é, havia na proposta escoteira uma crítica ao modelo europeu de modernidade apresentado ao fim dos oitocentos, que “produzia corpos débeis e com os vícios da modernidade” (POWELL, 2007, p. 53).

A bebida é outro escolho apontado por Baden Powell no caminho para o sucesso. Ele considera que a iniciação à bebida e ao fumo pode estar associada à tentação de uma boa camaradagem. Ou seja, pode ser que um rapaz comece a

beber ou fumar para ser aceito ou se socializar diante de um grupo. Uma vez iniciado nesse mal da vida moderna, o “beberrão solitário torna-se um imprestável” e um “perigo para o Estado” (POWELL, 2007, p.65). Critica aqueles que vêm na bebida e nos entorpecentes uma possibilidade de fuga momentânea da realidade e os culpa por diluírem em certos casos uma estrutura familiar ou um ambiente de trabalho.

O fumo para Baden Powell é ainda mais nocivo que o álcool, pois enfraquece o coração do fumante, reconhecido como tolo por se julgar talvez mais homem que os outros. O chefe escoteiro mundial atribui ao fumo a preguiça, o descontentamento, a inconstância em empregos ou o próprio desemprego e a perda de virilidade que se via em parte da juventude operária. Os fumantes de cigarro ainda “sofrem da deselegância de saciarem seu prazer em qualquer ambiente sem se preocupar com o mal que faz a quem está por perto” (Ibid., p.79).

Outros vícios como comer demais e dormir demais são combatidos em função das experiências com soldados com esses predicados com quem Baden Powell teve que conviver em suas expedições militares na Costa Oeste da África. Eram soldados com baixa aptidão física e peso acima do indicado. O chefe mundial do Escotismo reserva críticas também aos que trabalhavam demais, com uma jornada diária de treze horas: “O único perigo para um superentusiástico trabalhador é tornar-se um escravo do trabalho e não dar a si mesmo a necessária quantidade de recreação e repouso” (Ibid., p. 79).

Baden Powell ressalta que num país de homens de caráter a proibição do álcool não é necessária. Um jovem de caráter pode se divertir sem a presença do álcool. Homens dessa natureza que prezam pelo autocontrole, entre outros, constituem uma nação forte. O autocontrole faz o gentil homem⁴, ou seja, um homem com esse caráter tem como primeiro componente da sua personalidade o autocontrole: “Um homem que possa controlar a si mesmo, sua cólera, seu medo, suas tentações [...] esse homem já está no caminho certo para ser um gentil-homem, um cavalheiro” (Ibid., p.82).

A intenção do Escotismo era respaldada por um discurso que apontava um modelo de nação vigorosa em detrimento da degeneração moral pela qual

⁴ *Gentil-homem* não é “um janota com polainas brancas, monóculo e dinheiro; mas sim um ‘Homem civilizado’, um camarada em cuja honra você pode confiar, pois em qualquer circunstância procederá corretamente, será cavalheiresco e procurará ajudar” (POWELL, 2007, p.82)

passava a sociedade européia daquele período. A sociedade pretendida pelo Movimento Escoteiro deveria ser forte, viril e exemplar. Baden Powell considerava o exemplo transmitido como mais importante que o próprio comando, o próprio discurso. A força do exemplo. Em outras palavras, o que você é representa mais do que suas idéias e convicções haja vista as pessoas que se mostram incoerentes quando apresentam suas idéias e atitudes.

A lealdade é outro traço dessa nação defendida. Considerada “outro ponto que tende a produzir caráter” ou como “um ponto proeminente de caráter” (POWELL, 2007, p.86), a lealdade é tematizada na Lei Escoteira: um Escoteiro é leal aos seus empregadores e aos seus subordinados. (POWELL, 2006). É leal a si mesmo, pois assim a tentação pelos escolhos não nos sensibiliza.

Ao se dirigir a um público que está passando pela puberdade, Baden Powell trata de outro escolho em sua obra: as mulheres. Ele se dedica a discutir temas como instinto sexual e seus riscos; a virilidade; o acasalamento; o casamento e outros. Expõe do ponto de vista biológico o que ocorre com meninos e meninas com o advento da puberdade. No caso masculino, a questão da virilidade com a revolução hormonal que caracteriza a adolescência e o natural desejo sexual que dela decorre. A virilidade e seu compromisso com a moral e o cavalheirismo, com o combate à masturbação, à promiscuidade e sua relação com as doenças venéreas (sífilis, gonorréia). Da mesma forma, Baden Powell opõe o dilema “desejo primitivo versus leis morais e sociais” à sociedade civilizada da qual “somos membros” (POWELL, 2007, p. 106). Isto é, a despeito das mudanças fisiológicas que ocorrem na adolescência, o jovem deve manter sua moralidade e sua civilidade.

Há uma defesa pela conscientização do processo de geração da vida, sua sacralização, e, dessa forma, uma defesa pela integridade física e moral do homem. Conceitua a masturbação como “uma forma de amor a si mesmo ou narcisismo, raiz do homossexualismo, o que sem dúvida não é coisa que deva ser cultivada” (Ibid., p.106), faz uma ponte com o casamento quando diz que “Para um homem normal é perfeitamente possível e natural manter-se casto até o casamento” e conclui “Controlando sua imaginação, como já foi dito no capítulo anterior, você fortalece a sua vontade. Pode assim, pelo auto-controle, manter-se casto, ou evitar excessos e vícios” (Ibid.). Baden Powell desenvolve assim uma linha argumentativa a partir da puberdade, passa pela moralidade que não deve ser afetada pelos impulsos naturais dela advindos e encerra com a defesa do sexo no casamento com fins reprodutivos

ou sem excessos e vícios. A presença, mais uma vez, dos compromissos, profissionais e passatempos na vida da pessoa é colocada como oportunidade de aplicação da energia humana.

O cuidado com os espertos e tapeadores é debatido também pelo chefe escoteiro mundial. Esse tipo de pessoa se julga superior e “aproveita-se do trabalho da gente mais humilde em seu próprio benefício, ou então afasta os outros que possam estar a caminho de conquistar as coisas que deseja”. Baden Powell indica os “fanáticos, políticos, demagógicos, pedantes intelectuais, esnobes sociais e outros extremistas” como representantes desse grupo que tem como traço de sua personalidade o egoísmo. Para ele, dois são os perigos a que uma pessoa de bem está exposta: ou pode ser iludida com as idéias persuasivas e seguir sua liderança, ou pode se tornar um tapeador também (POWELL, 2007, p.137).

As características de um tapeador são denunciadas na tentativa de chamar a atenção do público infanto-juvenil. Geralmente apresenta “bom poder de persuasão e linguagem articulada” (Ibid.). A influência que esses “oradores bombásticos” (Ibid.) procuram exercer sobre as pessoas é alertada por Baden Powell. No entanto, o general não quer dizer com isso que o rapaz deva ser esnobe ou arrogante. Pelo contrário, deve ser prestativo para com os outros e procurar, se teve acesso a uma boa educação, “estender a mão da camaradagem e boa vontade aos irmãos menos favorecidos” (Ibid., p.146). A (auto) educação sugerida transcende a escolarização e é ampliada no sentido de uma educação da alma e da mente. Uma educação que equilibre conhecimento literário e conhecimento do mundo, “dos homens e das coisas”, é uma “grande proteção” (Ibid.) contra os tapeadores e se constitui como a medida de segurança indicada para o jovem não sofrer nenhuma espécie de golpe.

Ao lado do caráter e inteligência, das habilidades e trabalhos manuais, da saúde de corpo e alma, servir é uma maneira que Baden Powell propõe para se livrar dos escolhos. Ser generoso, camarada, solidário são traços que o escoteiro deve ter. Servir significa também “algo mais alto e maior; o serviço que um cidadão presta ao seu país” (Ibid., p. 156). Um bom cidadão, educado, deve tomar parte do serviço cívico. Para tanto, é preciso estar preparado como se fosse para uma “corrida atlética” ou para um “exame de habilitação” (Ibid.).

Baden Powell aponta o estudo das funções públicas mais elevadas como tarefa para o escoteiro, um cidadão consciente. Estudar, por exemplo, os Conselhos

Paroquiais, os Conselhos dos Distritos Urbanos e Rurais, o Conselho de Vilas e Cidades, os Conselhos de Condado⁵ e outras instâncias que afetam a vida pública de uma coletividade. Desse modo, o cidadão dispõe de mais recursos para discernir o tapeador do honesto. Encerra o obstáculo tapeador considerando que a tarefa de um governante é nobre. Para tanto, é necessário caráter diferente dos que tem “ciúmes, ódios e malevolências entre si”, como acontece com parte dos que ocupam o poder. É preciso ter uma “mentalidade ampla e tolerante” para uma função da qual depende uma sociedade (POWELL, 2007, p.165).

Irreligião é outro tema analisado por Baden Powell que considera sua predominância nociva à felicidade. “A religião é essencial para a felicidade” (Ibid., p.171) num momento em que o jovem estaria sendo impingido pelo ateísmo.⁶ O conhecimento da natureza propicia a compreensão de Deus e sua obra “desmente o ateu” (Ibid.). Sobre o mar, na floresta ou entre as montanhas, condições objetivas do reconhecimento divino são dadas no contexto natural. Disso decorre, entre outros, a importância do conhecimento das artes mateiras, ensinada entre os escoteiros. O próprio corpo humano, sua harmonia entre tecidos, órgãos, células, enfim, seu aparato natural. Da natureza microscópica, o reino animal e vegetal. Para Baden Powell, “tudo isso é divino, é a vida a prova inequívoca de que Deus existe, e, portanto, a religião é essencial à felicidade” (Ibid., p. 174).

A religião proporciona reconhecer quem e o que é Deus e a partir de então “tirar o melhor proveito da vida que Ele nos deu”. O princípio da camaradagem escoteira pode ser visto em “[...] Ele quer que nós façamos, isto é, fazer principalmente, algo pelas outras pessoas” (Ibid., p. 174).

Outro ponto que chama a atenção diz respeito à importância atribuída ao conhecimento da natureza enquanto passo para conhecer Deus. O campo, as florestas, o valor dos acampamentos para os rapazes urbanos, esse tipo de paisagem confirma o ambiente adequado para conhecer as ciências da natureza, “as maravilhas da floresta” (Ibid., p.177).

Baden Powell se remete à bíblia e ao alcorão como livros da natureza. Para o criador do Escotismo, as diversas religiões se referem a um só Deus. Embora com interpretações diferentes, elas se reportam ao mesmo Pai. Quando se remete à

⁵ Vale registrar que essas eram as *formas de governo* da Inglaterra do começo do século XX.

⁶ “Continuam a existir sociedades de ateus na Inglaterra, mas o conceito usado por Baden Powell se encontra equivocado. Ateus são os que não acreditam em Deus, mas há muitas pessoas que acreditam em Deus embora não sigam religião alguma” (Powell, 2007, p.173).

mente, Baden Powell julga insignificante a discussão em torno do credo e da política. O homem deve aplicar sua inteligência e habilidade em prol da coletividade e não promover “lutas e brigas no mundo” em razão de divergências religiosas. Chama de “mentes estreitas” aqueles que divergem religiosamente e perdem “tempo e energia em nome do mesmo Deus. Todos são filhos do mesmo Pai” (POWELL, 2007, p.190).

Em tese, o fato de Baden Powell não definir uma religião em sua obra desperta simpatia do Escotismo junto às mais variadas religiões existentes, o que pode ajudar também a entender as motivações que levaram os metodistas a instituírem o Escotismo no Instituto Granbery. Powell não abre mão da fé e da religiosidade para se atingir o sucesso.

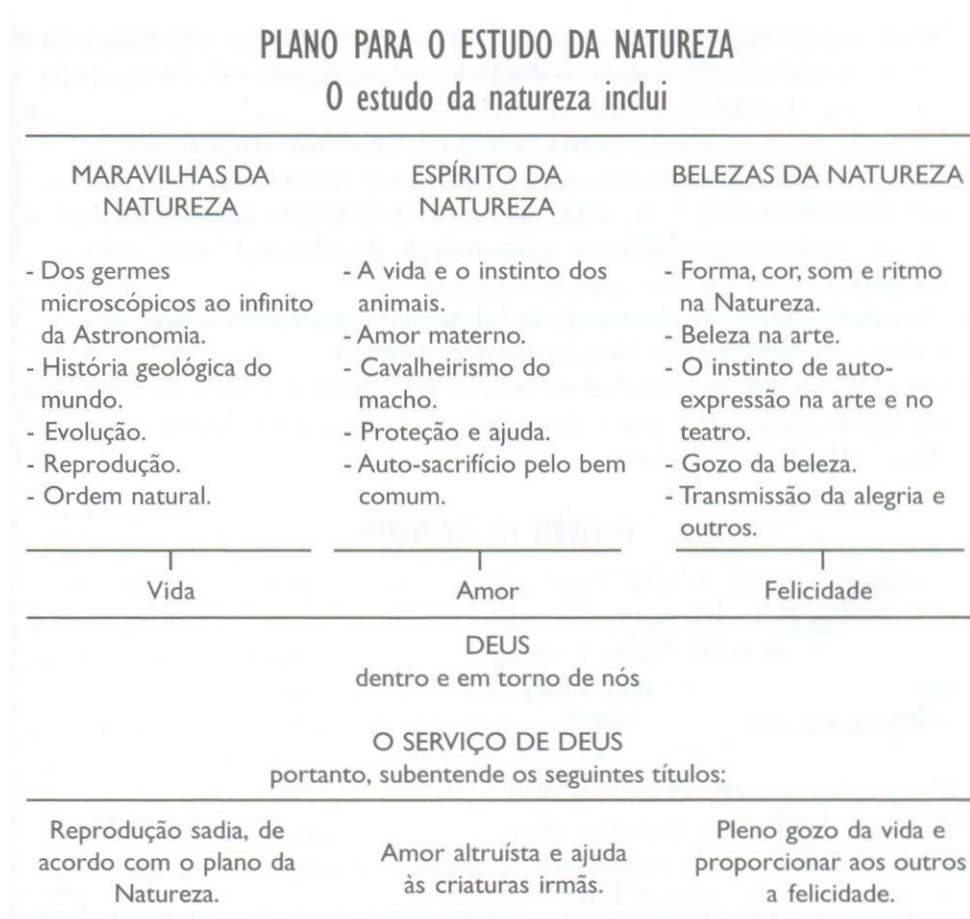


Figura 2 – O reconhecimento na natureza da presença de Deus.
Fonte: Powell (2007).

A figura dois indica o destaque dado à religião na obra de Baden Powell. Ele dedica significativo espaço em sua obra à defesa do homem natural e, portanto, religioso. A natureza é a fonte inspiradora do homem e é a prova inequívoca da existência de Deus. Dessa forma, o discurso em torno da natureza como formadora do homem se deve também à importância que a religião tem na constituição do *gentil homem*.

Baden Powell idealizou o quadro abaixo para ilustrar uma situação com um escolho e um antídoto para dele se livrar.

As rochas (através das tentações do rebanho)	Antídotos (através do esforço pessoal)
<i>Jogo</i> - cavalos, apostas, assistir o falso esporte.	<i>Passatempos ativos</i> e economizar dinheiro.
<i>Vinho</i> - e outras formas de indulgente satisfação dos apetites.	<i>Autocontrole</i> e caráter.
<i>Mulheres</i> - perigos de atitudes erradas e bênção das certas.	<i>Cavalheirismo</i> e saúde da mente e do corpo.
<i>Extremistas</i> em política, irreligião, etc.	<i>Serviço às criaturas humanas e Deus.</i>

Figura 3 – As tentações da vida moderna e possíveis maneiras para delas se livrar.
Fonte: Powell (2007).

Na figura três, os males da modernidade são esquematizados e contrapostos às possibilidades de “defesa” do jovem. Ou melhor, significa dizer que se o jovem estiver produzindo (estudos, trabalhos, passatempos), ele não será incomodado pelos escolhos que podem aparecer no caminho à felicidade.

Para os jovens urbanos, Baden Powell (2007) faz defesa pelos acampamentos como saída para a “nociva urbanidade” vivida nessas condições. Ou seja, para purificar o corpo, a mente e o espírito os rapazes da cidade devem, de quando em quando, “se alimentar da naturalidade do campo”. Essa é uma argumentação permanente em Baden Powell para legitimar seu ideário como formador do gentil-homem. No acampamento, o escoteiro deve lançar mão do conhecimento das artes mateiras e de suas técnicas para estabelecer sem reservas sua condição de ser natural.

Como sugestão de atividade, Baden Powell indica o

montanhismo/alpinismo que permite sua realização em grupos: “Por esta razão ele é bom”. Além do que, são exercícios que desenvolvem “os nervos, os músculos e a resistência”. Um bom montanhista em sua opinião não pode ser um fraco. Depois de uma escalada, “verificará que já é outro homem no corpo, na mente e no espírito” (POWELL, 2007, p. 44).

Baden Powell defende também para alcançar a felicidade que a pessoa tenha passatempos. Isto é, não ser um vadio, escolher e exercer uma profissão que produza sua existência com uma quantia suficiente para não ser “um peso para outras pessoas” e que nas horas vagas tenha um passatempo (montanhismo, música, pintura, escultura, jardim e outros) como “a melhor cura de repouso que o trabalhador braçal pode ter”. Esse seria um modelo de vida para Baden Powell (Ibid., p.44).

Portanto, o presente capítulo abordou a origem do escotismo e o contexto em que se deu essa elaboração. Analisamos também detalhadamente os obstáculos trazidos pelo contexto europeu de fim de século que afastavam o jovem da felicidade, no conceito de Powell. Confrontamos a defesa do Escotismo por uma moralidade ameaçada com o novo modo de vida trazido pela modernidade européia que afastava o jovem da moralidade caracterizada no capítulo. No próximo capítulo, veremos como foi a chegada da doutrina escoteira na República do Brasil e sua vinculação ao ensino primário nacional e mineiro.

CAPÍTULO 2 - A CHEGADA DO ESCOTISMO NO BRASIL E NAS TERRAS MINEIRAS

No primeiro capítulo, nos aproximamos do ambiente político, social e cultural europeu onde o Escotismo foi gerado e desenvolvido. Realizaremos exercício semelhante no caso brasileiro para melhor compreendermos as condições que possibilitaram e facilitaram o desenvolvimento do Movimento Escoteiro em nosso país.

O período entre o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX no Brasil é intenso em mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. A República se impõe a partir de um discurso pejorativo sobre a realidade brasileira monárquica trazendo para si a tarefa de (re)construir o país, uma nova nação. As cidades, especialmente a capital Rio de Janeiro, mudavam: construção de avenidas, estradas de ferro, cinemas, teatros, escolas. Os ventos europeus, especialmente os de Paris, induziram dirigentes de cidades brasileiras a se empenharem pela sua modernização.

No entanto, apesar do forte investimento que a República Brasileira fez em busca de que o povo identificasse o regime como algo pertencente a ele, as manifestações de resistência foram evidentes (CARVALHO, 1988). A perseguição que o novo regime instaurou contra capoeiras e anarquistas e o grau de popularidade que a monarquia havia atingido com a abolição da escravatura fizeram com que o povo ficasse antipático aos primeiros atos republicanos.

Os dirigentes republicanos buscaram, através de várias iniciativas, por em prática seu projeto de modernização do país e de construção da nova nação brasileira: investiram em símbolos (bandeiras, hinos, heróis) e, especialmente, atuaram na reelaboração do processo educativo escolar. Como afirma Clarice Nunes (2000), a escola primária foi o foco de uma política de intervenção que visava modificar o *habitus pedagógico* combinando todo um processo de renovação escolar via renovação da formação docente e uma tentativa de reformar os costumes das famílias que enviavam seus filhos às escolas.

O que estava em jogo era uma reforma do espírito público que exigiu o alargamento da concepção de linguagem escolar e que, superando o tradicional domínio oral e escrito das palavras, buscou a construção de todo um sistema de produção de significados e interação comunicativa. Por esse motivo os espaços de aprendizagem se multiplicaram: não apenas a sala de aula, mas também as bibliotecas, os laboratórios, a rádio-educativa, os teatros, os cinemas, os salões de festa, os pátios, as quadras de esporte, os refeitórios, as ruas, as praças e os estádios desportivos (NUNES, 2000, p.374-375).

Obviamente que todo esse processo contou com resistências num período que, como afirmamos, foi extremamente intenso em mudanças e deslocamentos de várias ordens. Autores como Jorge Nagle (2001), abordam a crescente politização do espaço urbano brasileiro no período em questão e o embate político entre diversos grupos em articulação: a Liga de Defesa Nacional, a maior organização nacionalista do período (Olavo Billac e Pedro Lessa); a Liga Nacionalista do Brasil; o Tenentismo; o Integralismo e também os Católicos com seus gestos e textos doutrinários. Estes segmentos sociais se mostravam insatisfeitos com os deslocamentos do regime político nacional, que alguns deles chegaram a apoiar.

A efervescência política e esse tenso ambiente nas décadas próximas a República evidenciam, segundo Nunes (2000) a importância política da escola primária:

Os processos de intervenção que lhe atingiram e que também podem ser entendidos como tentativas de racionalização e homogeneização acarretaram a imposição gradativa de uma ordem de signos cuja finalidade foi organizar, estabelecer leis, classificações, distribuições hierarquizadas que conviveram com a confusão anárquica da sociedade que se pretendia normatizar (p. 376).

O contexto brasileiro ajuda a nossa compreensão sobre a adesão ao Escotismo por parte de vários agentes republicanos desde 1910, quando o movimento desembarca no país. A República traz várias funções para a educação escolar: instruir as crianças brasileiras, formá-las cidadãs civilizadas e amantes da Pátria. O Escotismo foi considerado por intelectuais e políticos brasileiros republicanos uma das práticas escolares fundamentais para o desenvolvimento do civismo e do nacionalismo (SOUSA, 2000; CYTRYNOWICZ; ZUQUIM, 2002).

Em 1910, surgiu o “Centro de *Boys Scouts* do Brasil”, primeiro grupo de escoteiros brasileiro, resultado de uma expedição que nossos marinheiros fizeram à Inglaterra. Depois dessa viagem à Europa, os marinheiros brasileiros ficaram entusiasmados com o Escotismo e criaram um grupo no retorno ao Brasil. Em 1914 foi criada a “Associação Brasileira de Escoteiros” (ABE), primeira entidade representativa do Movimento Escoteiro no Brasil, sediada em São Paulo, cujo primeiro vice-presidente foi Washington Luís, prefeito, governador de São Paulo e Presidente da República (BLOWER, 1999).

O Escotismo multiplicou-se por várias regiões do país e, em 1917, o Decreto Federal número 3297 considerou as associações brasileiras de escoteiros como entidades de utilidade pública, o que demonstra a força e o *status* alcançado pelo movimento (NASCIMENTO, 2002).

O sentimento nacionalista em torno da construção de um Brasil que se pretendia civilizado e desenvolvido aos moldes europeus e republicanos recebeu com bons olhos o Movimento Escoteiro. As idéias originais de Baden Powell encontraram ressonância nas terras brasileiras.

Rosa Fátima de Souza (2000) analisa a trajetória escolar que o Escotismo traçou em São Paulo, argumentando que a necessidade de constituir a identidade nacional republicana e o desenvolvimento do nacionalismo provocaram o entusiasmo dos paulistas pelo Escotismo.

Souza (2000) analisa a Reforma Sampaio Dória, em São Paulo, onde todos os alunos matriculados nas escolas públicas eram considerados aspirantes a escoteiros. Para a autora, a militarização da infância revela como foi pensado em São Paulo o currículo do ensino primário até o período da Segunda Guerra Mundial. Ou seja, uma educação que conciliava a educação moral e cívica às políticas do corpo: civismo, patriotismo e nacionalização na tentativa de transformar as escolas primárias em agências de civilização das massas.

Zuquim e Cytrinowicz (2002) também afirmam que o Escotismo no sistema público paulista se constituiu como um método pedagógico que representava uma escola primária de civismo.

O Escotismo, vinculado ao movimento nacionalista brasileiro, foi introduzido como uma prática cívico-patriótica escolar paulista (SOUZA, 2000). Formar o cidadão moralmente educado constituiu o argumento para a implantação do Escotismo como atividade escolar. A prática escoteira encarnava uma função

educativa completa, unindo a formação do corpo e da alma, correspondendo ao projeto cívico de constituição da nacionalidade brasileira.

Em dezembro de 1917 (Lei 1579), o Escotismo foi oficialmente instituído como um dos conteúdos e atividades da disciplina de Educação Física e incorporado como atividade educativa do programa de ensino cívico paulista (GABRIEL, 2003). Dessa forma, percebemos o valor educacional atribuído ao Escotismo nas escolas de São Paulo.

Em 1924, reuniram-se no Rio de Janeiro as diversas entidades representativas do Movimento Escoteiro: Associação dos Escoteiros do Brasil, Federação Brasileira dos Escoteiros do Mar, Comissão Central do Escotismo, Associação dos Escoteiros Fluminenses, Federação de Escoteiros Católicos do Brasil e a Federação de Escoteiros do Brasil. As entidades fundaram a União dos Escoteiros do Brasil (UEB) que, a partir de então, se tornou a principal instituição do Escotismo brasileiro (NASCIMENTO, 2002).

Em 1928, o Estado brasileiro assegurou a UEB, através do Decreto número 5.497,

o direito de porte e uso de todos os uniformes, emblemas, distintivos, insígnias e lemas que forem adaptados pelo seus regulamentos, aprovados pelo Governo da República, como é necessário para a realização de seus fins [...] O Governo promoverá a adoção da instrução e educação escoteiras nos colégios e institutos de ensino técnico e profissional mantido pela União⁷. (Ibid., p.29).

2.1 - O Escotismo em Minas Gerais

Segundo Nascimento (2004), o marco inicial do desenvolvimento do Escotismo em Minas Gerais é Reforma da Instrução Pública decretada em outubro de 1927 pelo nacionalista Francisco Campos. O documento traz um novo regulamento para o ensino primário que, entre outros elementos, sugere a incorporação da prática do Escotismo nas escolas mineiras.

O Pequeno Escoteirismo foi contemplado na reforma Francisco Campos, e seu desenvolvimento nos Grupos Escolares de Minas Gerais estaria a cargo da

⁷ A partir de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas, o escotismo recebe um apoio maior do Governo Federal. Legalmente esse apoio é oficializado com a Lei 342, de 12 de dezembro de 1936, que "Institui o escotismo nas escolas primárias e secundárias do país". (NASCIMENTO, 2002, p.29)

Inspetoria de Educação Física, órgão também criado pelo mesmo decreto.

A Revista “Alerta”, numa edição de 1927, faz menção ao “progresso vertiginoso” do Escotismo nas terras mineiras devido à influência direta de Carlos de Andrada, Presidente do Estado. A revista faz menção a um discurso por ele realizado em janeiro de 1926:

Pela instituição do Escoteirismo tenho a mais decidida sympathia, convencido de que nela se encontra o complemento natural e a cooperação efficaz para a obra da escola primária. Tal sympathia e tal convicção derivam dos fins a que essa instituição se entrega e que são os de pugnar pela educação da mocidade, despertando-lhe principalmente os sentimentos moraes e cívicos, o espírito de iniciativa e de bondade, a abnegação e a alegria, ao mesmo tempo cuidando do seu aperfeiçoamento physico, dando aos moços conhecimentos directos da natureza, infundindo-lhes ao character os predicados de intrepidez e disciplina, preparando-os emfim, para a vida do trabalho intenso e para a exacta comprehensão e pratica conscienciosa dos deveres cívicos (p.12).

O Escotismo aparece em alguns discursos, como fez Baden Powell, atrelado a críticas ao modelo educativo vigente. O padre Leovigildo Franca, representante da Federação dos Escoteiros Católicos do Brasil, assina artigo na Revista “Alerta” que critica a educação “falha e incompleta” dada à juventude brasileira. Ele ataca os currículos das escolas voltados para as disciplinas formais que negligenciam o civismo, a moral, o patriotismo, a religião, os exercícios corporais e a higiene. Para ele, nessa escola “não se educa a alma, não se forma o caráter e não se plasma o coração” (FRANCA, 1927, p. 17).

A mesma revista, em reportagem intitulada “O exemplo de Minas”, publicada em 1927, destaca o governo do Dr. Fernando Mello Vianna, Presidente do Estado, como defensor do Escotismo. Ainda em 1926, Vianna baixou o Decreto 7.101 de 30 de janeiro, aprovando o novo regulamento do Ginásio Mineiro, além de consignar o seguinte artigo:

Artigo 170 – A cargo do professor de educação physica e sob a direcção do Reitor, que organizará instrucções adequadas, será instituída no Gymnasio, a escola de escoteiros.
Parapho único – Por esse trabalho terá o referido professor uma gratificação, que será arbitrada pelo governo (p. 17).

Importante estabelecimento de ensino secundário, o Ginásio Mineiro tinha sedes em Belo Horizonte e Barbacena. No fim da matéria, a revista chama a atenção dos governos de todos os estados para que “compreendam as vantagens que advirão do escoteirismo implantado em todas as escolas da infância no Brasil” (op cit, p.25).

Em outubro de 1932, o Escotismo mineiro chega a Universidade de Minas Gerais, ou seja, o movimento atinge o ensino primário, o secundário e o superior do estado. A Escola de Engenharia criou sua patrulha de pioneiros e inspirou as Escolas de Direito e Medicina a criarem seus grupos. Reunidas, as escolas formaram o Grupo de Pioneiros Universitários.

O mineiro e Chefe Escoteiro Antonio Pereira da Silva, em matéria publicada no “Diário da Manhã”, publicado em 1927, afirma que o Escotismo deveria ser pensado como excelente agente para a educação integral. Segundo ele, tal prática contemplaria as dimensões físicas, morais e intelectuais da educação.

Afonso Pena Júnior, importante político de Minas Gerais, em cerimônia no Palácio da Liberdade, no ano de 1927, também defende o Escotismo e a formação integral por ele propiciada:

O escoteirismo não é simples gymnastica, não é mero esporte, nem é apenas educação militar. É a preparação do homem integral, pela completa fortaleza física, cívica e moral, de cujo esforço possa a pátria esperar confiadamente (NASCIMENTO, 2002, p.32).

2.1.1 - Juiz de Fora e o Movimento Escoteiro

A história de Juiz de Fora é tema tratado por vários estudiosos. As pesquisas confirmam que o período mais fértil de crescimento da cidade foi o intervalo entre o final do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX, tempo em que a cidade respirou ares do projeto de civilização da nação brasileira idealizado pelo pensamento republicano. Parte dos trabalhos sobre a história da “Manchester Mineira” atrela este desenvolvimento de Juiz de Fora ao modelo oferecido pelo Rio de Janeiro. A urbanização, a nova arquitetura, os novos hábitos dos cariocas teriam atravessado a estrada e influenciado diretamente os juizforanos.

Como cidade do Século XIX, Juiz de Fora não participa da cultura colonial mineira. A proximidade e o maior intercâmbio econômico e cultural com o Rio de Janeiro, assim como a luta política contra o predomínio da zona de Mineração, provocam na cidade um maior cosmopolitismo uma abertura mais acentuada se a compararmos com o antigo centro do ouro (CHRISTO, 1994, p.1).

A cidade, na data de sua elevação de Vila a Município, 1850, chamava-se Santo Antônio do Paraibuna, nome que seria alterado somente em 1865. Durante o último quartel do Século XIX, Juiz de Fora viveu o início de um período de transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. Alguns dados neste sentido: a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, em 1871; o bonde de tração animal, em 1881; o telefone, em 1883; o telégrafo, em 1884; a água a domicílio, em 1885; o Banco Territorial Mercantil, em 1887; o Banco de Crédito Real, a Academia de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora e a chegada da energia elétrica em 1889; a criação do Instituto Metodista Granbery, 1890; a Academia de Comércio em 1894; os Grupos Escolares, em 1907; a Academia Mineira de Letras, 1909 (LESSA, 1985; ANDRADE, 1987; CHRISTO, 1994; YAZBECK, 1999).

Até a década de 1920, como salienta Christo (1994, p.1) “Juiz de Fora é apontada como o centro cultural do Estado, seja pelo seu número de jornais e teatros, seja pela expressão de suas escolas e instituições culturais”.

É evidente que o processo de urbanização e modernização de Juiz de Fora não foi simplesmente um desdobramento do que acontecia no Rio de Janeiro em período semelhante. Maraliz Christo (Ibid.) ressalta que foi organizado um projeto de modernização patrocinado por fazendeiros e capitalistas que tinha como foco a industrialização de Juiz de Fora e também a necessidade de melhor controlar o espaço urbano e a população.

A ação educativa escolar foi ferramenta fundamental nesse processo, assim como vimos no caso do Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1907 foram criados os primeiros Grupos Escolares de Juiz de Fora, pioneiros no Estado junto aos de Belo Horizonte. Este modelo de escola primária estava comprometido com os ideais liberais republicanos de modernização da sociedade brasileira (YAZBECK, 2003). Carlos Fernando F. da Cunha Junior e Renata Vargas (2006) afirmam que os Grupos Escolares de Juiz de Fora colocaram em ação uma proposta pedagógica em que as práticas corporais, especialmente a ginástica, tiveram lugar de destaque. Os autores também perceberam traços de práticas escoteiras nos Grupos Escolares,

mas não se detiveram sobre o tema.

Como dissemos no início de nosso trabalho, as fontes sobre a presença escoteira nos Grupos Escolares de Juiz de Fora são escassas. Por isso, optamos por analisar a história do Escotismo na cidade através do Grupo Cayuás fundado no Instituto Metodista Granbery em 1927. Com isso, mais um elemento é abordado pela pesquisa: o metodismo enquanto orientação filosófico-religiosa. No próximo capítulo, trataremos mais detidamente a relação pedagogia metodista e Escotismo no Instituto Granbery e o caso do Grupo Cayuás..

CAPÍTULO 3 - O INSTITUTO METODISTA GRANBERY, AS INSPIRAÇÕES DA ESCOLA NOVA E O GRUPO ESCOTEIRO CAYUÁS

3.1 - O Metodismo e sua atuação educacional em Juiz de Fora

A Reforma Protestante ocorrida no século XVI na Europa foi um movimento contestador da atuação da Igreja Católica. O ponto em comum entre as correntes religiões que surgiram com a reforma consiste na crítica à atuação do catolicismo romano, especialmente com as denúncias de venda de indulgências e cargos eclesiásticos. Lutero, Calvino e os anglicanos vêm afirmar uma ética protestante pautada na “liberdade de expressão, de consciência, do livre exame” (VILAS BOAS, 2001), o que encontrou respaldo no contexto europeu da época que via a ascensão de uma nova classe social com um discurso semelhante e que não se alinhava com a filosofia e a pedagogia católica.

O Metodismo surgiu no século XVIII, na Inglaterra, e representa uma das manifestações protestantes. É fundamentado nos princípios defendidos por John Wesley (1703-1791) que aparecem no primeiro concílio realizado pelo movimento metodista em 1744. O metodismo é “uma doutrina que se ensina; em seguida um método apropriado para ensiná-la e para orientar nossa conduta” (MESQUIDA, 1994, p.16). É um movimento reformador e educativo que teve como objetivo “transmitir uma nova visão de mundo e formar um novo senso comum, isto é, fomentar uma ‘nova cultura’, tendo em vista uma reforma intelectual e moral” (ibid, p. 96).

A pregação, os sacramentos, os cânticos, as reuniões das “sociedades”, as conferências e as obras de Wesley tinham finalidades educativas e pedagógicas e definiam como objetivo imediato “reformatar o caráter (tempers) e a vida dos homens” (ibid). A defesa pela universalidade da graça e da perfeição cristã pela fé e pelas obras serve de fundamento para a atuação educativa metodista. Outro aspecto do metodismo diz respeito ao “combate pela justiça social, pelos direitos dos homens e pela democracia” (ibid) e a uma inovadora educação popular.

Os metodistas organizaram também uma educação destinada aos adultos. Consideravam inconcebível um cristão que não soubesse ler e escrever. Formavam um “grupo obcecado pela luta contra o analfabetismo” (ibid). Esse movimento sócio-cultural e religioso de origem inglesa tornou-se mais forte ainda

nos Estados Unidos. Naquele país, “o republicano e o metodismo americano marchavam de mãos dadas levando a civilização para além das fronteiras” (MESQUIDA, 1994, p.106).

Percebemos dois movimentos de imigração dos protestantes com finalidades distintas. O primeiro é de origem européia, de onde os protestantes saíam e não tinham objetivo de voltar. Ou seja, vinham para o Brasil para se instalarem. O segundo movimento diz respeito aos norte americanos que vinham com uma missão civilizatória (CARDOSO; MARTINS, 2005) ou o metodismo de origem missionária (MESQUIDA, 1994). Esse conceito confirma a idéia de uma expansão do modelo de vida e de educação norte-americano na segunda metade do século XIX.

Como a obra metodista é educativa, dois eram os aspectos de sua ação pedagógica: “o proselitismo e a difusão de uma concepção de mundo própria à denominação” (Ibid., p.107). Dessa maneira, sua atuação educacional incumbia-se de “propagar os ideais, os valores, as idéias e os princípios metodistas. Seu objetivo: produzir o novo homem, crente e servidor fiel da nação” (Ibid.). Com a finalidade de promover o progresso e o aperfeiçoamento do indivíduo, temas como liberdade, individualidade, ordem, moral, patriotismo e superação do dualismo pensamento e ação estavam na agenda do dia das escolas protestantes dos Estados Unidos e das primeiras escolas protestantes (Presbiterianas, Metodistas, Batistas) que no Brasil se instalaram.

A história da emigração dos cidadãos do sul dos Estados Unidos guarda relação com o “desenvolvimento dos norte-americanos, com a expansão para o oeste, com a escravatura e com o destino manifesto”. Ou seja, o movimento migratório para o Brasil estava associado à “história da expansão norte-americana” que os levou a “empreender a ocupação de um novo território” (GOLDMAN, apud MESQUIDA, 1994, p.34).

Mesquida (1994) afirma que a presença particular dos metodistas no Brasil deve ser interpretada como vontade das elites progressistas do sudeste brasileiro de se aproximarem do modelo político, econômico e cultural dos Estados Unidos, bem como de seus ideais republicanos e liberais e, da mesma forma, do interesse norte-americano em exercer hegemonia cultural, política e econômica no Brasil. Isso especialmente no período próximo e posterior à instituição da República no país.

Juiz de Fora foi uma das cidades escolhidas para a instalação de uma instituição escolar metodista, o Instituto Granbery. A localidade em plena expansão e próxima dos principais centros urbanos do país oferecia um perfil que os missionários americanos julgavam adequado para difundirem sua moral protestante. O processo de urbanização em Juiz de Fora levou sua burguesia e classe média a reclamarem uma formação “moderna” para seus filhos, com o objetivo de prepará-los para o novo Brasil que emergia política e socialmente.

A Igreja Metodista desenvolveu sua prática educacional no Brasil privilegiando especialmente três instrumentos de intervenção pedagógica: a) As escolas paroquiais, dirigindo-se às camadas médias, médias inferiores e subalternas da cidade; b) A escola dominical, ocupando-se da instrução religiosa dos membros da Igreja, constituía uma espécie de ensino informal de educação permanente; c) Os colégios (Piracicabano, Bennet, Granbery, Metodista de Ribeirão Preto, entre outros) dedicavam-se à formação das elites (MESQUIDA, 1994, p. 138-9).

Os metodistas buscavam sua inserção e visibilidade nas cidades, valendo-se inclusive de uma escolha criteriosa e estratégica da localização dos prédios escolares:

Estes centros de difusão da cultura situavam-se sempre em função do espaço onde habitava e onde circulava a classe social a ser influenciada: As escolas (e as igrejas) eram, portanto, construídas nos locais onde residia a elite político-econômica e, se possível, próximas aos prédios onde o futuro político, econômico e cultural da cidade, da região e/ou do país era discutido e decidido – os prédios que sediavam os poderes executivo, legislativo e judiciário [...] Em Piracicaba, no centro da cidade, próximo da casa dos irmãos Moraes Barros; em Juiz de Fora, defronte à casa do deputado republicano e maçom Constantino Luiz Paletta; no Rio de Janeiro, perto do palácio imperial e do Parlamento; em Ribeirão Preto, no centro da cidade; em Belo Horizonte, próximo ao edifício da presidência do Estado (Ibid., p. 225).

As críticas ao modelo educacional em voga no Brasil, considerado “atrasado” e “conservador”, no qual o aluno era tido como um “receptáculo das instruções do mestre” (Ibid.). Também abriram espaço para a educação metodista se instituir no país. Os fazendeiros e industriais do oeste de São Paulo e da Zona da Mata mineira tornam-se simpáticos a uma educação coadunada aos novos tempos,

de orientação liberal. O Colégio Piracicabano representa a primeira investida educacional dos metodistas no Brasil, de 1881.

Juiz de Fora representava um pólo de atração para o ideário metodista se aproximar. A cidade, centro republicano e maçom identificado com o processo de urbanização, apresentava uma burguesia e classe média que reclamavam formação moderna para seus filhos que tivesse como objetivo prepará-los para o novo Brasil que emergia política e socialmente. O elevado número de imigrantes na cidade, calculado em vinte por cento da população juizforana, também foi outro facilitador em relação à receptividade aos metodistas (MESQUIDA, 1994).

Em 1890, no contexto do novo Brasil Republicano, foi fundado o Instituto Granbery em Juiz de Fora. A ruptura entre Estado e Igreja Católica propiciou a abertura de colégios e outras instituições diversas em termos religiosos. De origem metodista americana, o Granbery apresentava um ideário liberal e seu projeto educativo mostrava-se identificado com os princípios democráticos e com a ética protestante, elementos que, no conjunto, despertavam o “interesse de uma significativa parcela da população brasileira” (YAZBECK, 1999, p.33).



Figura 4 - O “G” dourado, símbolo do Instituto Granbery, envolvido pelas bandeiras dos Estados Unidos da América, de onde vieram os metodistas, e do Brasil, país que recebia a instituição de ensino

Fonte: O GRANBERY, 1928

3.2. - Escola Nova, Educação Primária Nacional, Instituto Granbery e Escotismo

A Reforma da Instrução Pública do Ensino Primário foi elaborada e implementada em Minas Gerais por Francisco Campos, Secretário de Estado dos Negócios do Interior da província de Minas Gerais, ao final da década de vinte e início da década de trinta. O documento analisado corresponde à reforma do ensino primário, aprovada em 15 de outubro de 1927. Depois de submetido à aprovação do Presidente do Estado, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, o trabalho de Campos deu origem ao Regulamento do ensino primário do Estado. Foi, portanto, com Andrada e Campos que Minas Gerais afirma oficialmente o escotismo como meio e método educacional para as escolas do estado, por intermédio da reforma da instrução pública em 1927.

O Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais de 1927 representa a materialização do ideário escolanovista na educação mineira (PEIXOTO, 2004), além de, a nosso ver, ter aproximações com o primeiro regulamento do Granbery, como veremos no decorrer do trabalho. O documento enfatiza a necessidade de o ato educativo contemplar a criança em sua integralidade e, como percebemos por suas características, a prática do Escotismo poderia se constituir num excelente meio para tal.

A Escola Nova foi um movimento educacional que propôs uma metodologia de ensino que objetivava, entre outros, a formação integral do aluno – educação física, intelectual e moral. O pensamento escolanovista, originário de países desenvolvidos, chega ao Brasil por meio das reformas da instrução pública que ocorreram no primeiro quartel do século XX (NAGLE, 2001). No caso de Minas Gerais, a reforma de Francisco Campos introduziu no estado materiais didáticos importados dos Estados Unidos que “já eram utilizados no Instituto Granbery, tradicional colégio metodista de Juiz de Fora, bem como, copiou as medidas das carteiras do Granbery, que eram baseadas nos modelos norte-americanos” (MESQUIDA, 1994, p.48).

Em nossa visão, a aceitação e o desenvolvimento do Escotismo nas escolas mineiras também têm relação direta com as idéias renovadoras que trazia o chamado movimento da Escola Nova para a educação brasileira nos anos 1920 e 1930. Entre outras questões, o “escolanovismo” defende a centralidade da criança

nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes sociais, a exaltação do ato de observar e intuir na construção do conhecimento, a ênfase na educação da criança em suas dimensões físicas, intelectuais e morais (VIDAL, 2000).

Ao longo da década de 1920 várias iniciativas afirmam o ideário da Escola Nova, incluindo modificações infra-estruturais em várias redes escolares. As reformas da instrução pública trazem à tona uma questão que pode ser considerada um divisor de águas na tentativa de compreender a passagem de uma abordagem quantitativa para uma abordagem qualitativa do ensino: escola alfabetizante *versus* escola integral. Nesse sentido, Fernando Azevedo (1931) se interroga no inquérito dirigido por ele que se encontra em “A educação na encruzilhada”:

Qual a melhor solução provisória ao problema do ensino primário, um ensino primário incompleto para todos - da maneira aligeirada como se deu com Sampaio Dória em São Paulo com um horizonte desanalfabetizador somente -, ou o primário integral para alguns? (p. 9)

Essa questão ilustra bem a mudança de perspectiva que ocorreu no interior das reformas educacionais principalmente de São Paulo, para as que se sucederam em Minas Gerais e no Distrito Federal, uma vez que a escola primária passa a ser considerada etapa fundamental mais de formação do que de instrução.

Depois da reforma da instrução pública dirigida por Anísio Teixeira, na Bahia, o escolanovismo marca o novo ciclo dentro do movimento de reorganização da instrução pública nos estados. Assim como em Azevedo, percebemos em Anísio Teixeira uma preocupação de se rever a natureza do ensino primário. A educação pré-escolar era reducionista na visão de Anísio e “os cuidados com a criança, futuro homem, deviam ser ampliados” (TEIXEIRA, 1997, p.63). Com isso, a concepção vigente de criança, pautada somente do ponto de vista da saúde física deveria ser alterada. O mundo emergente no qual se inseria a escola solicitava uma extensão da saúde aos aspectos sociais e mentais da criança. Assim sendo, Anísio preconiza uma aprendizagem ativa, natural e alegre. Uma educação ambiciosa, porém não utópica para esta escola democrática e coletiva que se apresenta. Ele lembra que os primeiros trinta anos do século vinte são caracterizados por uma modernidade jamais vista: ciência e desenvolvimento marcam um crescente respeito pelo homem,

independente de classe e privilégio.

Portanto, “um intenso movimento de reajustamento educativo” é colocado e “a necessidade de uma nova escola se acentua” (TEIXEIRA, 1997, p.88). Escola essa elementar, universal e que forma todos os cidadãos do país. A escola em função das necessidades gerais da população deve preparar o indivíduo para “cuidar de sua saúde e melhorá-la [...] progredir na eficiência e rendimento do seu trabalho ordinário [...] cooperar [...]” (Ibid., p. 96). Enfim, Anísio propõe uma função alargada da educação seja ela para o sertanejo, em tese menos instruído, ou ao homem urbano, instruído, de tal sorte que o brasileiro tenha uma vida consciente.

De posse da análise feita acima, julgamos ser pertinente à educação mineira, reformada por Campos em 1927, a preocupação de se ampliar a formação oferecida às crianças do primário para além das primeiras letras. A reforma mineira, caracterizada pelo ensino ativo e fundamentada na psicologia experimental de acordo com os ‘centros de interesse da criança’, inaugura de maneira sistemática esse novo ciclo. Esses pontos se encontram inclusive na exposição de motivos do regulamento do ensino primário de Minas Gerais, idealizado e implantado por Francisco Campos. Assim sendo, o escotismo, instrumento de educação moral, intelectual e física, parece, pois, se solidarizar à proposta escolanovista que defende uma educação integral e apresenta sua colaboração, ainda que de maneira extra-curricular, para a consolidação desse novo tipo de formação.

O primeiro regulamento do Instituto Granbery dizia que a finalidade da instituição era fornecer “à mocidade os melhores meios para o desenvolvimento de suas faculdade physicas, intellectuaes e moraes, debaixo das influências christãs” (INSTITUTO METODISTA GRANBERY, 1926, p. 6). Assim, o Granbery parece que estava sintonizado com os ‘ares educacionais’ que sopravam no mundo ocidental e procurava transmitir uma educação integral, baseada na razão, que proporcionasse aos seus alunos a formação humana exigida pelos novos tempos.

Um ponto relevante que mostra a inserção do ideário escolanovista no colégio diz respeito ao ensaio realizado no Departamento Primário do colégio com vistas à escola ativa. Nos documentos analisados durante o período que a pesquisa aborda, verifiquei um episódio que chamou a atenção. Os professores interessados na aplicação imediata dos processos da escola nova, solicitaram ao professor Irineu Guimarães, Reitor do ensino primário do colégio, reuniões diárias da congregação com o fim de discutirem e confrontarem os ensinamentos da escola nova com as

possibilidades granberyenses. Destas reuniões surgiram planos que trouxeram modificações no ensino primário da escola, realizando assim o ensino novo e ativo. No período estudado, as professoras ensaiaram novos métodos em suas aulas, organizando projetos, excursões e aulas ativas.

Já foi dito que o primeiro regulamento da instituição defendeu uma educação integral de seus alunos. Verificamos como a educação integral encontrou respaldo nas novas possibilidades curriculares apresentadas pela escola mineira, no caso pelo Instituto Metodista Granbery de Juiz de Fora. Isto é, o escotismo, instrumento de educação moral, física e intelectual, pode ser considerado complemento da educação granberyense.

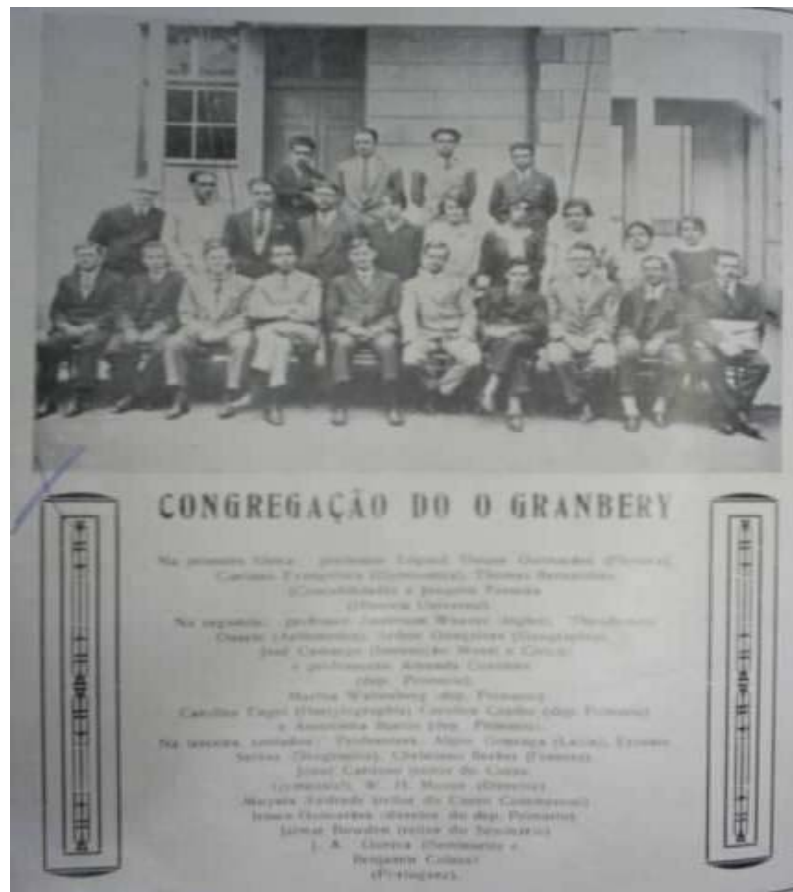


Figura 5 – Os professores do Instituto Granbery com a presença do diretor Dr. Walter Harvey Moore, sentado e centralizado.
Fonte: O GRANBERY, 1927.

A figura do professor idealizada por John Dewey, filósofo norte americano que é considerado um dos precursores da escola nova, se aproxima com a do Chefe Escoteiro e a de quem se delega liderança no grupo. Ou seja, o líder das atividades do grupo, sua relação horizontalizada com os demais componentes e seu planejamento “suficientemente flexível para permitir o livre exercício da experiência individual e, ainda assim, suficientemente firme para dar direção ao contínuo desenvolvimento da capacidade dos alunos” (DEWEY, 1971, p.54).

Assim como a vinculação da atividade pedagógica à vida ordinária, a questão do interesse e da escolha é abordada por Dewey na educação de uma pessoa e percebemos outra aproximação da figura de educador pensada pelo filósofo com a do Chefe Escoteiro defendida por Baden Powell. Dessa forma, destacamos a influência desses dois educadores no projeto pedagógico defendido pelo Instituto Granbery.

O estudo sobre a Revista da Educação Física realizado por Magda Bermond e Amarílio Ferreira Neto (2005) mostra a influência que o pensamento de John Dewey exerceu especialmente nas discussões que os militares fizeram sobre a educação física escolar nos anos 1930. João Ribeiro Pinheiro, que escreveu um artigo com o título “A Pedagogia e a Educação Física”, diz o seguinte a respeito de Dewey “Modernamente – entre os grandes nomes da pedagogia moderna, um há que sobrepõe os demais – John Dewey – cujas idéias são as mais condizentes com civilização dos nossos dias ”(PINHEIRO, 1933).

No âmbito da Revista de Educação Física o trabalho de Baden Powell foi visto como uma possibilidade consoante com os propósitos de uma educação integral, uma vez que se tratava de

um meio educativo inteiramente novo, de vez que, aqui se afirmam de maneira a mais positiva todas as qualidades que devem ornar o indivíduo integralmente educado pelo desenvolvimento sistematizado: a) do caráter, por meio de boas companhias, culto da honra e do dever, disciplina pessoal, economia, sentimento da responsabilidade, trabalho manual, consciência de Deus nas leis da natureza, alegria, prática da religião, lealdade e altruísmo; b) da saúde, por meio da: vida ao ar livre (não praticando só exercícios físicos), consciência de sua própria responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento físico, prática da higiene e educação da saúde; c) da inteligência, pelo conhecimento da natureza, pela indução e dedução dos fatos da vida; pelos conhecimentos mais detalhadamente observados através dos ensinamentos práticos e utilitários (Op. cit.).

O debate em torno dos conteúdos da Educação Física escolar é fértil neste período. Temos diversas correntes de autores que vão defender a permanência da ginástica, a presença do esporte e, como vimos, alguns que colocam o Escotismo como uma possível solução para a questão.

É importante encerrar a presente seção sublinhando a fundamentação filosófica que alicerça o tipo de educação proposto pelo Granbery que também faz relações com o modelo de mestre, chefe escoteiro, indicado por Baden Powell. Nesse sentido, Dewey e Powell parecem ter em comum a defesa por uma educação integral dos educandos.

3.2.1 - Cayuás: o Grupo Escoteiro do Instituto Metodista Granbery

Sob a direção do Dr. Walter Harvey Moore e do Reitor do curso primário Sr. Irineu Guimarães, o Instituto Metodista Granbery de Juiz de Fora inaugurou seu grupamento escoteiro ao final de 1926. O objetivo central dessa iniciativa estava claro nas palavras do Dr. Moore: “formar no estabelecimento uma escola de civismo que debatesse o fumo e o álcool, ou melhor, que fosse o espelho dos granberyenses” (LIVRO DE ATAS DO CAYUÁS, 1926).

O diretor da instituição, em matéria publicada no jornal O Granbery, de 25/09/1925, revela sua total aversão ao fumo. Como vimos anteriormente, tal sentimento era marcante no pensamento de Baden Powell que combatia o fumo, o álcool e o que considerava como outros males da vida urbana. Quando um aluno era matriculado na escola, havia uma ficha a ser respondida só em relação ao fumo: se fumava; quantas vezes por dia; se tinha o consentimento dos pais. Assim, a causa escoteira encontrou respaldo junto ao diretor.

O chefe escoteiro Francisco Floriano de Paula Pereira foi chamado pelo Sr. Irineu e pelo Dr. Moore diretamente do Rio de Janeiro para chefiar os escoteiros do Granbery. No começo de 1931, o filho do diretor do Granbery, Dr. W. H. Moore, também ingressa no rol dos escoteiros granberyenses.

Em “A bandeira Cayuás” de 1929, jornal do grupamento escoteiro do Granbery, o professor Irineu Guimarães justifica a presença do Escotismo no colégio em matéria chamada “A escola escoteira”. Quando assumiu a direção do Departamento Primário, ele organizou um grupo escoteiro que auxiliaria os esforços

empregados para a educação dos alunos. “Bem dirigido e levado a sério, o Escotismo é uma organização extra-curricular que presta à escola serviços inestimáveis”, dizia ele: “Os alunos escoteiros são obedientes, bem comportados, trabalhadores, prestimosos, asseados – são em geral alunos exemplares”. Guimarães segue sua defesa ao afirmar que o Escotismo:

não existe para ser uma organização extra-curricular sem função. Tem finalidades próprias e é, por si, uma escola das melhores e mais completas. A sua grande vantagem é não só fazer do menino um menino obediente e trabalhador, mas desenvolver nele todas as qualidades que o farão um homem completo. Assim, para um Brasil novo, uma geração nova. Mais forte e mais confiante em si. Educada em contato com a terra e com os homens. Uma geração, numa palavra, escoteira (LIVRO DE ATAS DO CAYUÁS, 1929).

Nos primeiros dias de aula do ano letivo de 1927, o reitor do curso primário avisou que estava “aberta a matrícula para quem quisesse ser escoteiro”. Depois do pronunciamento do Sr. Irineu foi apresentado o primeiro chefe escoteiro do Instituto Granbery, Francisco de Paula Pereira. Irineu passou a palavra para Francisco Pereira explicar àqueles jovens o que era o Escotismo. Segundo a ata de fundação do grupo escoteiro, Francisco falou por meia hora sobre a importância e as contribuições que o Escotismo poderia trazer à formação do alunado granberyense. O Sr. Irineu foi eleito o primeiro diretor do grupo de escoteiros do Granbery, em 1929, chamado de Grupamento Cayuás.

O colégio tem um periódico “O Granbery”, publicado até os dias de hoje, que serviu também de fonte para a construção desse estudo. O jornal teve uma primeira fase de 1905 até 1915 aproximadamente e uma segunda fase a partir de 1923, inclusive com o professor Irineu Guimarães como redator-chefe. Em “O Granbery” de 15/03/1927, há a menção à necessidade de se começar o ano letivo de 1927 com um grupo de escoteiros no interior da escola:

O diretor desejava principiá-lo modestamente, e desenvolvê-lo pouco a pouco”. Os escoteiros do Granbery tinham como instrutor e chefe o Sr. Francisco Alves Pereira, fundador de vários grupos escoteiros do Rio de Janeiro. Desse modo, era esperada dele a formação de um grupo instruído e disciplinado. O jornal encerrou sua primeira menção ao grupo escoteiro esperando “relatar, com regularidade, todo o movimento dos soldados de Baden Powell (p. 1).

Em 23/04/1927, houve a primeira aparição pública do grupamento escoteiro granberyense. Os escoteiros do Granbery partiram rumo ao Parque Halfeld, local de referência na cidade. A cerimônia foi acompanhada pela população local e contou com a presença de autoridades públicas. Além dos pais dos alunos, professores do colégio e membros da sua diretoria, compareceram à cerimônia da tarde do dia vinte e três o Exmo. Sr. José Procópio Teixeira, padrinho dos escoteiros; o senador Pedro Marques, o tenente Octavio Diniz, encarregado pelo governo estadual de organizar na cidade um grupo de escoteiros e outras pessoas de destaque na vida pública da cidade. As autoridades presentes discursaram em favor do movimento escoteiro, chamando a atenção para o compromisso ali firmado com a causa escoteira pelos escoteiros de Juiz de Fora.



Figura 6 - Cerimônia de apresentação ao público e de investidura do Grupamento Escoteiro do Instituto Granbery. Parque Halfeld, Juiz de Fora
Fonte: Livro de atas do Cayuás



Figura 7 - Primeira aparição pública do Cayuás
Fonte: Primeiro livro de atas do Cayuás (1926)

A aparição pública do Movimento Escoteiro no centro de Juiz de Fora pode ser interpretada como uma estratégia de dar visibilidade ao grupo e seu ideário, bem como ao próprio Instituto Granbery. Os símbolos utilizados pelo Movimento, o uniforme, tudo se impunha à cidade quando os meninos se deslocavam nas ruas.

A apresentação do princípio escoteiro marcou a primeira atividade dos escoteiros do Granbery em praça pública em Juiz de Fora. No caso, a promessa escoteira que traz no seu texto questões já pontuadas neste trabalho como a idolatria à pátria, a índole ideal de um escoteiro, a consciência dos seus deveres enquanto escoteiro e cidadão. Ao final os escoteiros do Granbery prestaram o compromisso formal perante o pavilhão nacional com braços estendidos:

Prometo pela minha honra proceder em todas as circunstâncias como um homem consciente de seus deveres, leal e generoso; amar a minha pátria, servi-la fielmente na paz e na guerra; obedecer ao código dos escoteiros (PRIMEIRO LIVRO DE ATAS DO CAYUÁS, 1926).

Os escoteiros receberam do Sr. Procópio, a quem escolheram como padrinho, o bastão e o chapéu com a Flor de Lis, dois símbolos da disciplina escoteira.

O bastão escoteiro é uma vara um pouco menor do que a altura do escoteiro – altura do nariz - e faz parte do seu equipamento. Ele auxilia na travessia de montanhas ou de locais com pedras, nas atividades noturnas. Pode ser usado para pular algum obstáculo, para conter uma multidão, verificar a profundidade de um rio ou como um degrau para ajudar outro escoteiro (POWELL, 2006). Usando vários bastões os escoteiros podem construir uma ponte leve, uma cabana ou um mastro de bandeira. Na opinião de Baden Powell, o bastão é um companheiro do escoteiro e os granberyenses contaram com ele desde o começo, exibindo-os na cerimônia do Parque Halfeld.

O símbolo escolhido por Baden Powell para representar o Escotismo foi a Flor de Lis, pelo fato dela apontar a direção certa, o alto, “não desviando nem para a direita nem para esquerda, o que poderia levar os escoteiros a perder o rumo” (POWELL, 2006, p.46). Suas três folhas lembram os três itens da Promessa Escoteira. (op. cit)) Os escoteiros do Granbery já carregavam consigo desde o primeiro dia o símbolo cunhado por Powell para representar o Escotismo.



Figura 8 – Flor de Lis, símbolo do Escotismo
Fonte: site da UEB

O uniforme escoteiro tinha semelhanças com o uniforme usado pelos soldados da polícia da África do Sul, comandados por Powell: chapéu caqui de abas

largas, lenço no pescoço, camisa larga de mangas curtas, calças curtas, meias e sapatos. A farda escoteira deve ser usada com elegância e sem desleixo, pois representa, pela sua uniformidade, um laço de fraternidade entre os rapazes do mundo inteiro. (POWELL, 2006).

No jornal O Granbery de 31/05/1927, além do espaço dado à cerimônia de compromisso dos escoteiros do Granbery, há o registro da visita dos escoteiros granberyenses ao Presidente do Estado, que estava em Juiz de Fora. Poucos dias depois do compromisso dos escoteiros, eles fizeram uma visita a Antonio Carlos de Andrada. Na visita, os escoteiros saudaram o Chefe de Estado com um “anauê”.

A identificação entre os escoteiros através de cumprimentos e saudações merece um registro em nosso trabalho. Com os três dedos médios estendidos e o mínimo e o polegar unidos, o escoteiro saudava a bandeira ou o superior (com a mão na altura do ombro) ou aos colegas escoteiros (como a continência militar). Também os três dedos lembram ao escoteiro as três partes da Promessa do Escoteiro (POWELL, 2006). Em atividade oficial ou não, os escoteiros se cumprimentam dessa forma. Assim, eles possuem o sentimento de pertencimento ao grupo. Os gestos e as saudações ajudam a construir sua identidade enquanto escoteiros.

A expressão “Anauê!”, que corresponde na língua dos índios brasileiros à expressão “salve”, também é um cumprimento e uma saudação escoteira (NASCIMENTO, 2002). Essa saudação era usada com figuras de destaque, por exemplo, com políticos.

A chefia dos escoteiros do Granbery teve mudanças em 1932. Paulo Tofani assumiu o posto no lugar de Irineu Guimarães. Com o consentimento da União de Escoteiros do Brasil, os Cayuás fizeram a entrega da Cruz Suástica, um dos maiores prêmios do Escotismo, ao professor Irineu Guimarães por tudo o que ele representava para o colégio e para a tropa escoteira. Além da flor de lis, a cruz suástica ou roda de fogo também era um símbolo do Escotismo.

Powell a apresentou como o sol em movimento que sugere as quatro partes do mundo (Ibid.). Era um prêmio concedido a pessoas que enriqueceram de alguma forma o movimento, como o professor Irineu do Instituto Granbery. O escoteiro quando percebe alguém com ela deve imediatamente prestar uma saudação a essa pessoa. Antonio Carlos de Andrada, Presidente do Estado de Minas Gerais que durante o mandato (1926-1930) instituiu a reforma da instrução pública do estado, também recebeu essa distinção em abril de 1928 (Op. cit.).

3.2.1.1 - Os acampamentos do Cayuás

Como vimos, o movimento escoteiro pode ser definido como uma organização mundial que objetiva o aprimoramento moral e físico de crianças e adolescentes. Para garantir o sucesso de seu projeto, o programa escoteiro deveria ser atrativo para os jovens. Para Powell, os métodos escolares tradicionais daquele período formavam indivíduos educados, mas sem iniciativa, imaginação e disposição. Dessa forma, ele se valeu da noção de jogos educativos, tendo como apoio o princípio da autoconsciência e da auto-educação (POWELL, 2006).

Ele também afirmava que a educação “não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimentos, mas, sim, em despertar-lhe o desejo de conhecer e indicar-lhe o método de estudo” (POWELL, 1993, p.11). Ou seja, despertar no educando o gosto pelo estudo e oferecer a ele meios dele desenvolver sua personalidade.

Powell considerava necessária a “aprovação dos professores” (op. cit) para que o projeto escoteiro de formação do caráter fosse legitimado nas escolas. Percebemos com isso que o Escotismo foi formulado também com a preocupação de lidar com os jovens no interior do espaço escolar.

O método escoteiro pretendia evitar a degeneração física e moral da juventude. Baden Powell demonstrava pessimismo em relação às novas condições existentes no meio urbano que afastavam o homem da natureza, no que ele chamava de condição artificial da vida moderna. A urbanização da educação trazia os prazeres da juventude das cidades como o álcool, o fumo e o jogo. Powell preconizava o contrário, a vida campestre representava o que havia de mais puro e saudável para se viver e deveria ser o meio oferecido para o desenvolvimento integral da juventude. Ele acreditava que a vida rústica poderia dar ao jovem os meios necessários para encarar a modernidade. Em suma, a vida na natureza transforma o gentil homem e a vida na cidade cria homens dependentes, os “*patatenras*”⁸ (Op. cit., p.74). Dessa forma, verificamos a importância que as atividades acampamento ocupavam nas idéias de Powell, bem como na agenda escoteira do Granbery.

⁸ Patatenra é a expressão usada ao longo do livro “Scout for Boys” para caracterizar o perfil contrário ao de um escoteiro. Ou seja, o perfil de um rapaz dependente, urbano e sem nenhuma habilidade mateira.

A vivência no campo era baseada no aprendizado da arte mateira que proporcionaria ao escoteiro a capacidade de sobreviver sozinho em condições adversas, se necessário. Isso significa dizer que as artes mateiras se constituem na experiência adquirida na vida na floresta, especialmente o conhecimento dos animais e da natureza. Nessas oportunidades, o jovem, deparado com o ambiente natural, conseguiria dar conta dos desafios proporcionados pelo seu grau de desenvolvimento da autonomia. Teria respostas para a realidade sem os recursos da modernidade e desenvolveria habilidades para seu crescimento pessoal.

A primeira excursão dos escoteiros do Granbery, das várias registradas nos documentos encontrados, foi realizada na Parada Setembrino, que dista quinze quilômetros de Juiz de Fora. Prefiro detalhar como era um dia de acampamento escoteiro para tentar transmitir a finalidade dessa atividade e os recursos disponíveis e criados através das artes mateiras.

Às sete horas saíram da sede com destino ao local com cinquenta escoteiros completamente equipados. Chegaram por volta das dez horas, descansaram e depois começaram os preparativos para a refeição. Depois do almoço, houve alguns exercícios escoteiros. Na hora do banho no rio Paraibuna, um dos escoteiros, Pelino, quis se meter a nadar e bebeu vinte e quatro litros de água. Após um café bem feito, às quinze horas, voltaram para Juiz de Fora. Chegaram na cidade às cinco e meia e no colégio, às seis horas (LIVRO DE ATAS DOS ESCOTEIROS DO GRANBERY, 1927).

O princípio escoteiro da vida campestre era plenamente realizado nesse tipo de ocasião, isto é, os granberyenses passavam um dia inteiro, às vezes mais de um dia, em contato com a natureza, exercitando seus corpos e seus princípios de camaradagem. Providenciavam alimentação e moradia quando passavam mais de um dia. Mantinham-se afastados do urbano, ambiente considerado como nocivo, e bebiam, no sentido literal e no figurado, das fontes naturais.

Na Semana Santa de 1928 (dias cinco, seis, sete e oito de abril), os escoteiros do Granbery acamparam em Matias Barbosa e precisaram dormir no acampamento. Também acamparam em Santa Cruz e na fazenda da Floresta e fizeram excursão a Retiro e Poço d'Anta, todas essas localidades próximas a Juiz de Fora. Nas fazendas, além das atividades que caracterizavam o acampamento, os escoteiros consertaram pontes, bateram trilhos e deram mais uma prova de como

cultivavam fazer uma boa ação diária, além de deixarem uma boa impressão do Escotismo nas propriedades por onde passavam. Por meio dos acampamentos, os granberyenses reconheciam a região de Juiz de Fora, se instalavam e estabeleciam relações de camaradagem com os moradores das áreas exploradas.

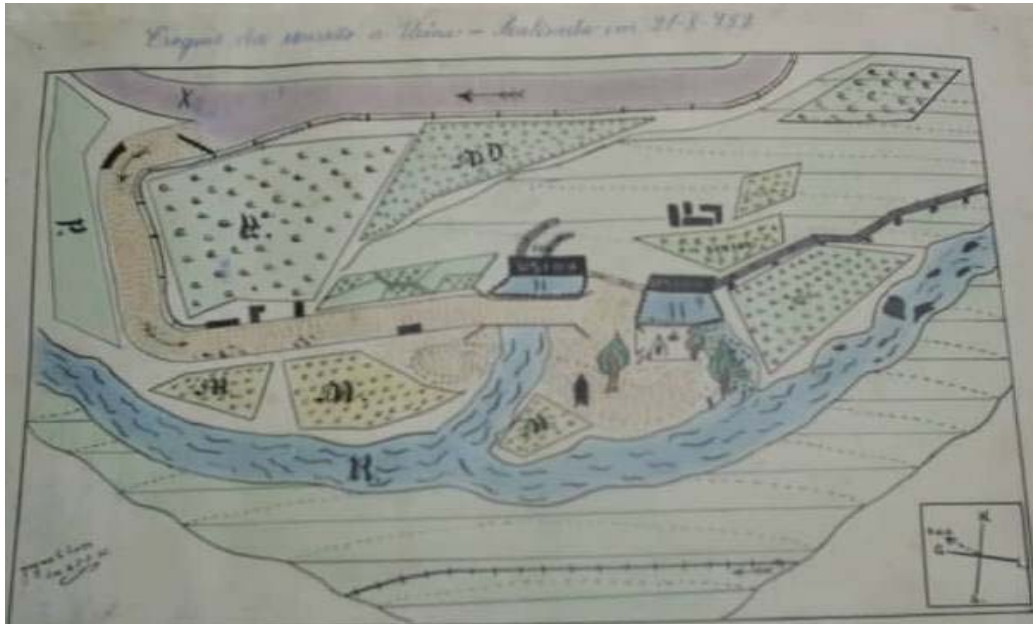


Figura 9 - Croqui de um acampamento do Cayuás
Fonte: Primeiro livro de atas do Cayuás (1926)

3.2.1.2 - As reuniões do Cayuás

As reuniões dos escoteiros do Granbery se configuravam enquanto espaço de estudo e organização do grupo escoteiro. De acordo com as atas do Cayuás, ocorriam no interior da própria escola e eram iniciadas com uma chamada. O planejamento das ações dos escoteiros era definido e acordado entre os escoteiros durante suas sessões. A data e o local dos acampamentos, das excursões, das visitas eram definidos nessas reuniões. Assim como era tema recorrente a teoria escoteira, ou seja, a Promessa Escoteira, a Lei Escoteira, saudações, a culinária, a natureza, os animais, a prevenção de doenças, primeiros socorros, higiene, canções escoteiras, instrução de marcha, cidadania, disciplina, entre outros. O combate ao fumo e ao álcool era seguidamente reiterado nas reuniões durante o período analisado. Nomeação para os cargos de monitores, subchefe, escriba, tesoureiro e encarregado do museu era assunto também tratado

nas reuniões escoteiras.

A reunião do dia três de março de 1928 no Salão Nobre do primário marcou a abertura do segundo ano letivo escoteiro no Granbery. O chefe disse que para aquele ano pretendia aumentar o número de escoteiros granberyenses. Os ausentes dessa primeira reunião do ano letivo deveriam ter um mês de freqüência para, só assim, serem matriculados. Isso nos sugere a necessidade de se rever a forma com que foram matriculados no seu primeiro ano de grupo os escoteiros e que para o segundo, deveria ser mais criteriosa a admissão dos novatos.

Em seu segundo ano de vida, o grupo escoteiro do Granbery exigiu de seus escoteiros “comportamento e vida exemplar” (primeiro livro de atas do Cayuás). O ingresso no grupo foi condicionado nos três primeiros meses. Isto é, para matrícula definitiva exigia-se aquele prazo de comportamento adequado. Mais uma vez o critério para se admitir escoteiros é explicitado nos documentos encontrados e revela uma preocupação de se formar um grupo escoteiro dedicado e responsável em detrimento de uma possível massificação desorganizada do mesmo.

Havia uma graduação escoteira, a qual devia ser cumprida pelos escoteiros. Quando o rapaz se interessa pelo Escotismo e resolve se juntar à Fraternidade Mundial, como é conhecido o movimento escoteiro, ele é um aspirante a escoteiro. Depois de investido como escoteiro pelo Chefe-Escoteiro diante da Tropa, o escoteiro pode atingir a graduação seguinte, a de Escoteiro de Segunda Classe e, se prosseguir, se torna Escoteiro de Primeira Classe. Para avançar nessa graduação é preciso que ele demonstre os conhecimentos pertinentes ao Escotismo: sinalização, leitura de mapas, primeiros socorros, entre outros (POWELL, 2006).

No grupamento escoteiro Cayuás, os escoteiros seguiam os níveis hierárquicos elaborados por Powell, bem como se valia das avaliações propostas – teoria escoteira - pelo criador do escotismo para promover ou admitir algum componente do grupo.

Em 1928 foi criado o Centro Cívico do Granbery que pretendia estender suas atividades para além do Departamento Primário. Foi divulgada entre os escoteiros a iniciativa tomada pelo próprio diretor do primário e do grupo escoteiro, professor Irineu Guimarães, que pediu apoio de seus escoteiros na defesa e divulgação do Centro Cívico. Tinha por objetivo provocar em seus alunos o amor ao trabalho; a obediência às leis e o respeito à autoridade constituída; incentivar a prática do serviço militar, instituir o Escotismo, escola de moral e civismo e educar

física, intelectual e moralmente os seus alunos. O grupo escoteiro participaria, então, deste movimento do Granbery em favor do desenvolvimento dos valores e práticas citadas.

3.2.1.3 - Os jogos escoteiros, os exercícios e suas finalidades, hábitos saudáveis e outras atividades do Escotismo granberyense

Os escoteiros do Granbery realizavam os jogos escoteiros durante os acampamentos. Praticando-os, os escoteiros exercitavam também as artes mateiras e não as deixavam cair no esquecimento, que somente a leitura do livro do chefe-escoteiro mundial poderia sugerir. Isto é, nesses jogos eles lidavam com questões que Powell já pontuava em seu livro *Escotismo para Rapazes*. Jogos entre as patrulhas que envolvessem a sinalização (de pista, de fogo, de som, de bandeira); os comandos (voz, apito e mão); levantamentos de terreno; leitura de mapas, montanhismo e escalada; jogos de orientação e de achar o caminho; jogos de rastreio (memória de pegadas); jogos de tocaia (como se ocultar); natação. Aprendiam nessas oportunidades a cozinhar, a prestar primeiros socorros, a derrubar uma árvore, a construir pontes e abrigos com nós⁹ capazes de salvar vidas, a fazer fogueiras até no caso de não contar com fósforos.

A saúde era um tema recorrente nas atas dos escoteiros do Granbery. Para um escoteiro, a finalidade de um exercício físico é promover saúde, força e resistência. Significa “ter bom sangue, rico e forte, e um coração funcionando bem”. (POWELL, 2006) Desse modo, o grupo escoteiro Cayuás se exercitava regularmente visando fortalecer o coração, os pulmões, os músculos e promover um bom funcionamento dos órgãos e sentidos da tropa. Os exercícios apresentados por Powell eram executados pelo Escotismo granberyense nos acampamentos e na sede do grupo. A higiene de ouvidos, dentes e unhas e a preservação da visão e do olfato também eram temas tratados nas atividades escoteiras.

O discurso higiênico aparece nas atas escoteiras notadamente em relação ao estilo de vida. No caso, a crítica recai sobre o modo de vida urbano. Além da preocupação com a saúde e a prevenção de doenças e com o bem estar do indivíduo limpo e nutrido, o Instituto Granbery compartilhava a aversão do Escotismo

⁹ Para Powell, o nó atado tinha de ser tão útil como se fosse feito para salvar uma vida. Há detalhada exposição de nós e dos jogos citados no livro *Escotismo para Rapazes*

ao fumo e ao álcool. Já foi colocado no presente texto que Powell era contrário aos males da vida urbana o que converge para o próprio objetivo colocado para a instituição de um grupo escoteiro no Granbery: “formar no estabelecimento uma escola de civismo que debatesse o fumo e o álcool, ou melhor, que fosse o espelho dos granberyenses” (Primeiro livro de atas do Cayuás). Logo, destacamos aqui uma boa justificativa para se admitir o Escotismo enquanto prática pedagógica no Instituto Granbery e percebemos uma contribuição a oferecer na formação defendida pela instituição de ensino.

O espírito fraterno que todo escoteiro deve ter foi verificado quando da ida ao Morro do Imperador em meados de 1929 para um café compartilhado com os membros da Igreja, que lá estariam para uma festa religiosa. Outro gesto de fraternidade foi proporcionado pelos escoteiros do Granbery quando ficou acordado que aos terceiros domingos de cada mês o chefe, o subchefe, os monitores e o guia iriam à Santa Casa fazer visitas aos enfermos. “O escoteiro Sebastião Pereira foi à Santa Casa com alguns de sua patrulha e causou muita alegria aos doentes. Foi elogiado pelo grupo” (Livro de atas do Cayuás). Em 1932, os escoteiros mandaram remessa de roupas usadas para o Leprosário da Colônia Santa Izabel e para a família dos hansenianos.



Figura 10 – Escoteiros Granberyenses
Fonte: Primeiro livro de atas do Cayuás (1926)



Figura 11 – Escoteiros Cayuás na sede do grupamento, no próprio colégio
Fonte: Primeiro livro de atas do Cayuás (1926)

Estava na pauta do Cayuás a criação da escola de chefes escoteiros, apontada como a maior contribuição que o Granbery poderia dar à causa escoteira. Era esperado que, melhor orientados, os dirigentes do Escotismo granberyense desenvolvessem o grupo. Dessa maneira, o colégio recebeu durante um mês a presença de Gabriel Cocicke, escolhido pelo poder público da cidade de Pomba para passar por um processo de capacitação no Cayuás. A cidade tinha a pretensão de instituir um grupo escoteiro em seu território. Os escoteiros do Granbery, em troca, foram a Pomba “plantar um grande entusiasmo entre a pequenada do grupo e da cidade” (LIVRO DE ATAS DO CAYUÁS) acerca da causa escoteira. Os habitantes de Pomba, através de seu orador oficial, agradeceram ao Dr. Moore e ao Sr. Francisco Pereira pela capacitação escoteira de um “filho da cidade”. O Instituto Metodista Granbery de Juiz de Fora se tornava na Zona da Mata um centro de difusão e formação do Escotismo. No caso da cidade de Pomba, o primeiro grupamento desta cidade se originou a partir da formação do chefe escoteiro Gabriel no Granbery que foi depois de “formado”, dirigir o primeiro grupo escoteiro de Pomba ampliando a penetração das idéias de Baden Powell em Minas Gerais.

A convite das Câmaras Municipais de Bicas e Mar de Espanha, em junho de 1929, os escoteiros saíram de Juiz de Fora para mais uma expedição. O Capitão Alexandre Temporal, amigo que os escoteiros conheceram na excursão feita a Pomba, foi quem intermediou o convite para a temporada escoteira em Bicas e Mar de Espanha. Com a repercussão em Pomba, Temporal esperava que naquelas cidades acontecesse efeito parecido, o que confirma a expectativa criada dentro do próprio Granbery: a escola de chefes-escoteiros seria uma das contribuições do Granbery ao Escotismo e sua sedimentação na região como centro de difusão e formação escoteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar o presente estudo, algumas considerações finais podem ser tecidas. Do primeiro ao último capítulo, a dissertação procurou atender ao objetivo traçado, ou seja, discutir a inserção de uma atividade – o Escotismo – no interior do Instituto Metodista Granbery de Juiz de Fora fazendo relações com a perspectiva de ensino trazida pelo movimento da Escola Nova.

Inicialmente, recorreremos aos princípios, fundamentos e objetivos que Baden Powell lançou mão quando criou o Escotismo na Inglaterra. Verificamos as duas vidas do chefe escoteiro mundial, no exército e no Escotismo. A conjuntura europeia de *fin de siècle* na qual o pensamento escoteiro se materializou, com toda uma crise moral, de valores, degeneração do homem (WEBER, 1988), marca o contexto sócio-político em que se deu o Escotismo e inspira toda a discussão moral empregada por Powell.

Foi interessante perceber a chegada do Escotismo ao Brasil e sua incorporação aos currículos escolares num momento em que as atividades pedagógicas (brincar e jogar, por exemplo) são redefinidas por conta das influências escolanovistas. O discurso oficial dos atores políticos do Brasil de época é recorrente em defesa do Escotismo por se referir à causa nacional e ao sentimento de pertencimento à nação. As reformas educacionais do ensino primário de Minas Gerais e São Paulo incluíram em suas propostas atenção especial ao Escotismo escolar e sua presença nos currículos das escolas daqueles estados. No Instituto Granbery, o Primeiro Regulamento da instituição afirma que seu objetivo era fornecer “à mocidade os melhores meios para o desenvolvimento de suas faculdades phisicas, intellectuaes e moraes, debaixo das influências christãs” (INSTITUTO METODISTA GRANBERY, 1926, p. 06), ou seja, fornecer uma educação integral.

O panorama dos primeiros anos da República Federativa do Brasil foi traçado na perspectiva de oferecer ao leitor uma visão geral do país sob o novo regime político. A questão da ruptura Estado - Igreja Católica e a possibilidade de chegarem ao Brasil outras orientações e instituições religiosas. A reprovação por parte de segmentos sociais do novo regime instaurado. A República não atendia às reivindicações de grupos que inclusive a apoiaram quando da queda do regime monárquico. Isto é, a agitação social em torno do nacionalismo por meio das artes,

do militarismo, do operariado, que marcou os anos vinte no centro republicano deve ser levada em conta na apreensão do significado de se instituir um grupamento escoteiro numa escola nesse período. No entanto, não há determinação neste sentido.

Juiz de Fora, centro cultural do estado até os anos 1920 (CHRISTO, 1994), propiciou um perfil de cidade que chamou a atenção dos metodistas por alguns motivos: centro maçom e republicano, número considerável de imigrantes, elite republicana, privilegiada ligação terrestre com a capital do país (Rio de Janeiro), primeira hidrelétrica da América do Sul e outros formavam um pólo de atração para a atuação da educação metodista. Os princípios de liberdade e democracia inerentes aos norte-americanos, por outro lado, coadunavam-se à educação que a elite da Zona da Mata Mineira queria transmitir aos seus filhos.

O Metodismo enquanto vertente protestante, seus valores, sua origem na Inglaterra, sua receptividade nos Estados Unidos, a vinda de missionários metodistas da América do Norte para o Brasil na segunda metade do século XIX são objetos de análise do trabalho. Vimos que a chegada dos missionários protestantes é entendida para alguns pesquisadores por meio de sua dimensão civilizatória. A presença dos americanos poderia representar um processo civilizatório e “um avanço à modernidade em termos educacionais, morais e de costumes” (CARDOSO E MARTINS, 2005). A partir da segunda metade do século XIX, os americanos passaram no Brasil da condição de estrangeiros a estabelecidos (op. cit). A presença de instituições de educação e religiões protestantes marca a atuação na sociedade brasileira dos metodistas. Com eles, a possibilidade do brasileiro de acessar novas tecnologias, novos métodos educacionais e uma orientação religiosa alternativa. Essa conjuntura, para a qual os imigrantes deram um pouco de sua feição, propiciou meios para um processo civilizador. O caso do Instituto Granbery de Juiz de Fora, fundado no último quartel do século XIX, pode confirmar a presença em termos educacionais do metodismo no país.

Porém, nosso principal resultado indica que, a partir da discussão feita por Baden Powell sobre o caminho para o sucesso e de suas aproximações com a pedagogia metodista, o Escotismo foi entendido pelos dirigentes granberyenses como um recurso adequado para a formação dos filhos da elite de Juiz de Fora. Os benefícios da atuação do colégio, segundo relato do diretor do Granbery ao Comitê de Missões nos Estados Unidos, se estenderam à cidade: “temos boas razões para

crer que o espírito moral, não somente dos estudantes, mas também da cidade de Juiz de Fora, elevou-se graças à influência do colégio” (MESQUIDA, 1994, p.161).

Os *escolhos* indicados e debatidos por Baden Powell na caminhada para o sucesso aparecem também nas orientações pedagógicas dos metodistas, assim como outros pontos do Escotismo fazem interface com as questões pontuadas a seguir:

o combate ao uso do álcool e do tabaco, bem como à prática dos jogos de azar; as regras de higiene e saúde preventiva pela prática de esportes; as regras restritivas de determinados divertimentos; nos modos de administrar as finanças e o patrimônio, orientado ao trabalho intenso, à poupança regular e à acumulação de capita; nos modos de trajar, falar e comportar-se em público; na exigência da leitura e no estímulo à inteligência (o centro do culto protestante é a palavra, o sermão (CARDOSO; MARTINS, 2005).

Mostramos quando foram criados o colégio e o grupamento escoteiro (Cayuás). O Departamento Primário, para o qual era oferecido o Escotismo, sempre foi o começo da vida estudantil do granberyense e se constituiu no segmento particular de análise desse estudo. O objetivo declarado pelo Dr. Walter Harvey Moore, diretor da instituição quando da cerimônia de abertura do Cayuás, de “formar no estabelecimento uma escola de civismo que debatesse o fumo e o álcool, ou melhor, que fosse o espelho dos granberyenses” sintetiza e confirma nossa desconfiança de que o Escotismo teria a contribuir e contribuiu, especialmente por seu viés moral, para a educação integral do granberyense.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando. **Novos caminhos e novos fins: a nova política de educação no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, v. 7, 1931.

BERMOND, Magda Terezinha; FERREIRA NETO, Amarílio. Um olhar sobre as propostas dos militares para a Educação Física. **Revista de Educação Física (1932-1957)**. Belo Horizonte: CEMEF / UFMG, 2005.

BLOWER, Almirante Bernard David. **História do Escotismo brasileiro 1910 – 1924**. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Movimento Escoteiro, Tomo I, 1999.

BOAVENTURA, Elias. Instituições de ensino metodista na República Velha. **Revista do Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino**, ano 4, n. 6, 1995a.

_____. Concepção de universidade do metodismo brasileiro. **Revista do Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino**, ano 4, n. 6, 1995b.

_____. O Projeto Granbery de Universidade Metodista: o sonho que se tornou pesadelo. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação, 18, outubro de 1995. **Anais...Caxambú**, MG, ANPED, 1995c.

BOGDAN R. C. & BIKLEN S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Cordex / Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Decreto 7.970-A, de 15 de outubro de 1927, **Coleção das leis e decretos 1927**, v.II, Estado de Minas Gerais, p. 1.123-1.296. Nessas páginas se encontra a seguinte documentação: a) “Exposição de Motivos” do Decreto 7.970-A, p.1.123-1.139; b) Decreto 7.970-A, p. 1.139; c) Regulamento de Ensino Primário, p.1.140-1.296; esse regulamento é composto de 586 artigos.

BRASIL. Decreto 8.094, de 22 de dezembro de 1927, **Coleção das leis e decretos**, 1927, v.III, Estado de Minas Gerais, p.1.556-1.824. Nessas páginas se encontra a seguinte documentação: a) Decreto 8.094, p.1.556; b) “Instruções para serem observadas nos programas de ensino”, p.1.556-1.824; c) “Programas de ensino do curso primário”, p.1.768-1.811; d) horários, p.1.811-1.824.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929 – 1989)**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **Sete olhares sobre a antiguidade**. Brasília: Editora da UnB, 1994. 224 p.

CARDOSO, Luis de Souza & MARTINS, Luiz Cândido. A dimensão civilizatória da presença dos americanos no Brasil: tecnologia, educação e religião. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR - TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO, 9, 2005, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa, 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Notas para reavaliação do movimento educacional brasileiro (1920-1930)*. **Cadernos de Pesquisa**, n. 66, p. 115-135, ago. de 1988.

_____. Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR, Moysés (Orgs.). **Os Intelectuais na História da Infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Reformas da Instrução Pública. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *A Europa dos pobres: a Belle-Epoque mineira*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995. 160 p.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1971. (Tradução de Anísio Teixeira, versão original de 1938).

_____. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico – metodológicas e perspectivas de análise. In: FONSECA, T. N. L.; VEIGA. C. G. (Org). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 77 – 98.

FRANCA, Leovigildo. O escoteirismo – complemento indispensável na educação da juventude. **Revista Alerta**, ano I, n. I, set 1927. Rio de Janeiro

GABRIEL, Yara Cristina. **Prescrições cívico-morais e a formação do cidadão: um estudo sobre a introdução do Escotismo nas escolas públicas de São Paulo (1917 – 1922)**. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós Graduados em Educação, PUC – SP. São Paulo, 2003.

GARRIDO, Stella. **A educação confessional protestante no Brasil**. Monografia (Licenciatura em História) – Centro de Ciências Humanas, UVA. Rio de Janeiro, 2005.

INSTITUTO METODISTA GRANBERY. **Livro de Atas dos Escoteiros do Granbery**. Juiz de Fora: Instituto Metodista Granbery, 1927- 32.

_____. O presidente de Minas e o escoteirismo. **O Granbery. Revista Alerta**, Rio de Janeiro, ano I, n. I, set 1927a.

_____. O exemplo de Minas. **O Granbery. Revista Alerta**, Rio de Janeiro, ano I, n. I, set 1927b.

KOSHIBA, Luiz. **História do Brasil**. São Paulo: Atual, 1993.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. São Bernardo do Campo/Juiz de Fora: Editeo/Editora da UFJF, 1994.

MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. Proposta Educacional Metodista no Brasil: fase de implantação – 1876 – 1914. **Revista do Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino**, ano 4, n. 6, 1995.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Sempre Alerta! O movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. 2002, 108 f. Monografia (Bacharelado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. Educação e Civismo. Movimento Escoteiro em Minas Gerais (1926 – 1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo: SBHE, p. 44-70, n. 7, jan-jun 2004.

_____. **Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945)**. 2004, 173 f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Belo Horizonte.

NUNES, Clarice. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. A reação de Minas ao Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. In: XAVIER, Maria do Carmo (Org). **Manifesto dos Pioneiros da Educação: um legado educacional em debate**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PEREIRA, Mabel Salgado. **Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: projetos e limites (1890 – 1924)**. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

PE'RET, G. A. O Escotismo na Universidade de Minas Gerais. **Revista O Escoteiro**, Belo Horizonte, n. 4 e 5, p. 3, fev e mar 1933.

PINHEIRO, João Ribeiro. **A pedagogia e a educação física**. Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, 1933.

POWELL, Baden. A educação pelo amor substituindo a educação pelo temor. **Revista Jamboree**, jan. de 1923. Reedição 1993.

_____. **Caminho para o sucesso**. Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2007. (Edição comemorativa ao centenário do Escotismo – 1ª edição 1922).

_____. **Escotismo para rapazes**. Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2006. (Edição comemorativa ao centenário do Escotismo - 1ª edição 1908).

_____. **Lições da Escola da Vida: autobiografia de Baden Powell**. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1986.

RAPOSO, Bruno Martins. **Educação Física e Escola Nova: uma análise do Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais de 1927**. 2007. Monografia (Especialização em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. **Matrizes da modernidade republicana: cultura política e pensamento educacional no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados: Brasília, DF: Editora Plano, 2004.

_____. **Anísio Teixeira ou um projeto mais feliz de moderno** (Posfácio). In: TEIXEIRA, Anísio (Org.). **Educação é um direito**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 193-221.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 3. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira. Campinas, **Cadernos CEDES**, v.20, n.52, Nov, 2000.

SILVA, Maria Cecília de Paula. **O esporte na proposta pedagógica de Educação Física do Colégio Granbery: uma compreensão histórica**, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, RJ.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. (1ª edição 1935).

THOMÉ, Nilson. Movimento escoteiro: projeto educativo extra-escolar. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006.

VAGO, Tarcísio Mauro; SOUZA, Eustáquia Salvadore de. Última década dos oitocentos, primeira década da “gymnástica” na formação do professorado mineiro. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e (Orgs.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO; Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VILAS-BÔAS, Ester Frago. A influência da Pedagogia Norte-Americana na Educação em Sergipe e na Bahia. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 2, p. 9-38, jul-dez 2001.

WEBER, Eugen Joseph. **França fin-de-siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. **As origens da Universidade de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1999.

ZUQUIM, Judit, CYTRYNOWICZ, Roney. Notas para uma história do Escotismo no Brasil: a psicologia escoteira e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914-1937). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 35, p. 43-58, jul 2002.

ANEXO 1

IMAGENS



Figura 12 - Os três prédios principais: Tarboux, Granbery e Lander
Fonte: O GRANBERY, 14/06/1928

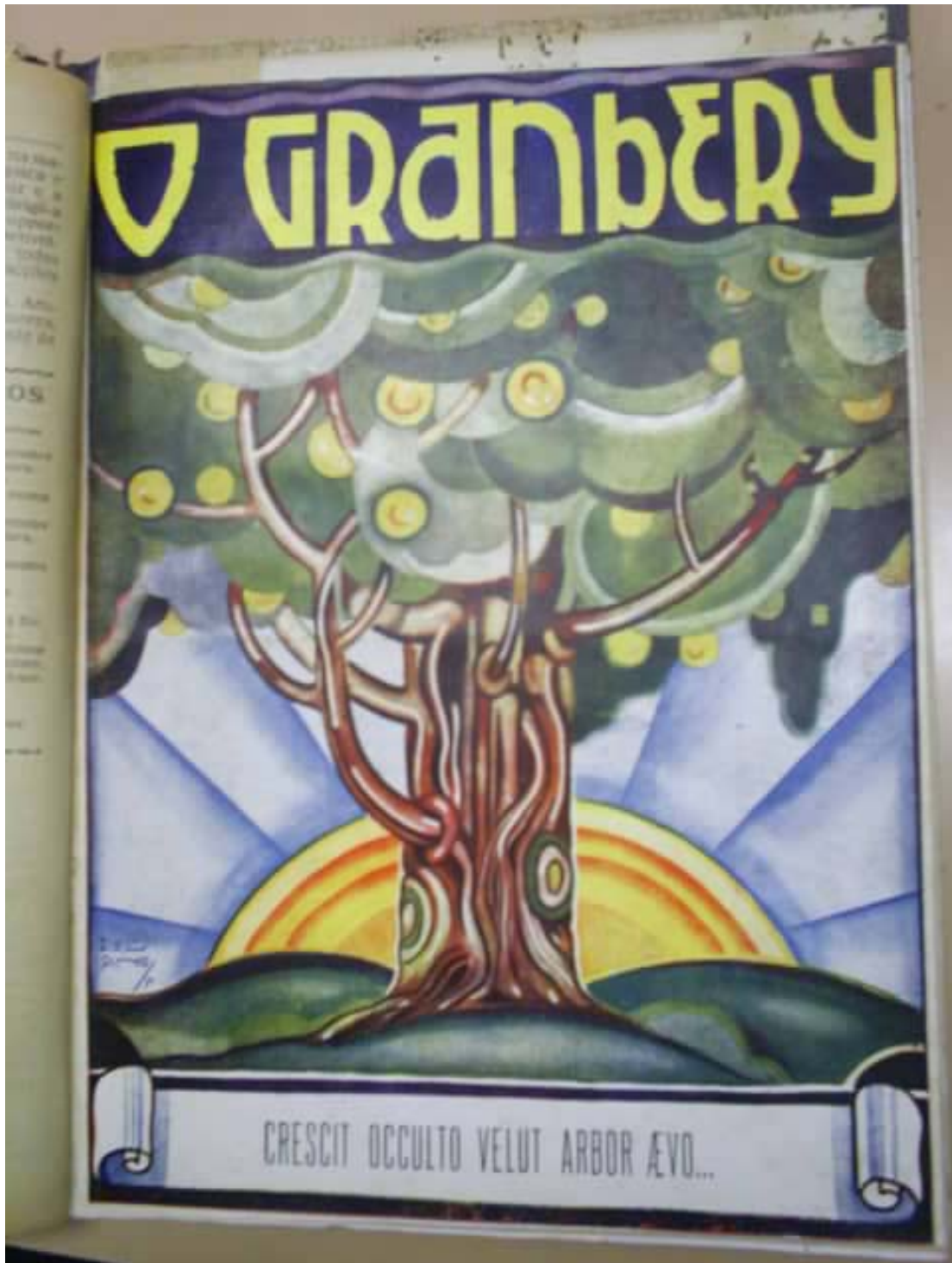


Figura 13 – Propaganda de época do Instituto Granbery
Fonte: O GRANBERY, 10/11/1928

Instruir é
facil.

Mas o “O Granbery”
instrue – e educa

Corpo docente idoneo – Boa alimenta-
ção – Asseio e Hygiene – Esportismo
Collegial – Instrução Militar – Bancas
Officiaes – Curso Commercial
officializado – Preços modicos

Pedir estatutos e informações ao Secretario
— Dr. Moyses Andrade —
JUIZ DE FORA — ESTADO DE MINAS

Figura 14 – Propaganda do Instituto Granbery que faz menção ao tipo de educação que a instituição oferece
Fonte: O GRANBERY, 31/03/1928



Figura 15 – As turmas que representam os cinco anos do curso primário do Instituto Granbery

Fonte: O GRANBERY, 10/11/1928



Figura 16 – Alunos externos do Departamento Primário
Fonte: O GRANBERY, 10/11/1926



Figura 17 – Alunos internos do Departamento Primário
Fonte: O GRANBERY, 10/11/1926



Figura 18 – Tiro de Guerra 122, destinado aos alunos do ensino secundário do Instituto Granbery
 Fonte: O GRANBERY, 10/11/1926



Figura 19 – Tiro de Guerra 122
Fonte: Primeiro livro de atas do Cayuás (1926)



Figura 20 - Grupo Escoteiro Cayuás – Departamento Primário
Fonte: Primeiro livro de atas do Cayuás (1926)



Figura 21 – Cayuás
Fonte: Primeiro livro de atas do Cayuás (1926)



Figura 22 – Propaganda do Instituto Granbery que indica a importância dada à educação física do granberyense
 Fonte: O GRANBERY, 15/11/1929



Figura 23 – Equipes desportivas do Instituto Granbery
Fonte: O GRANBERY, 11/11/1927

ESPORTISMO E ATHLETISMO



Caetano Evangelista,
Diretor Esportivo
O Granbery

*cyonens retribuem a
e lavrasns. Mas des-
atras gallas lbes can-
Batoram em tennis e
ot-ball. Mas perde-
foot e volley-ball.*

... quando vieram aqui
... rosario de derrotas.
... pra casa, treinaram, e
... o chamar!

que trouxe os teams de Lavras a
Juiz de Fora, e o que nos levava a
Lavras, e o intercambio de amizade.
No verdadeiro e legitimo esporte-
mo, o principal, é o encontro e a
convivência; os resultados dos jo-
gos são coisa secundária.

—
A viagem

A viagem foi agradabilissima. Um
choro, formado pelo Bouchardet, pelo
João e pelo Tista encurtou de meio
dia a longura da viagem.

A paisagem, tambem, estonteante
e bella distrae o viajante. O lei-
to ferreo do trecho da «Oeste» mar-
gina o pedregoso Rio das Velhas e
a gente vai, em espirito, se desti-
cando na lida da corrente historica.

A chegada e os jogos

Chegamos dia 9 do ultimo mez,
sabbado, á tarde. Fomos cortez-
mente recebidos. Domingo descan-
çamos. Segunda e terça batemos e
perdemos.

Segunda, terça e quarta de ma-
nhã se realizaram os jogos de ten-
nis. No primeiro jogaram Cyro e
Prates; no segundo Orpheu e Raul;
e, no terceiro, Cyro e Bouchardet
contra Raul e Prates. Os granbery-
enses ganharam todos os jogos.

—
Volley

Segunda-feira á tarde jogou-se o



O novo primeiro*team de
foot-ball, composto de
elementos promettedo-
res. Já este anno o O
Granbery lhe exigiu o
sacrificio de enfrentar
Lavras, quando proce-
deram os seus compo-
nentes como verdadei-
ros heroes.

Figura 24 – Matéria publicada no periódico da instituição sobre os resultados alcançados pelo Granbery nos torneios e apresentações que as equipes desportivas, comandadas pelo professor Caetano Evangelista (em destaque), participavam

Fonte: O GRANBERY, 10/11/1926



Figura 25 – Aula de ginástica
Fonte: Primeiro livro de atas do Cayuás (1926)

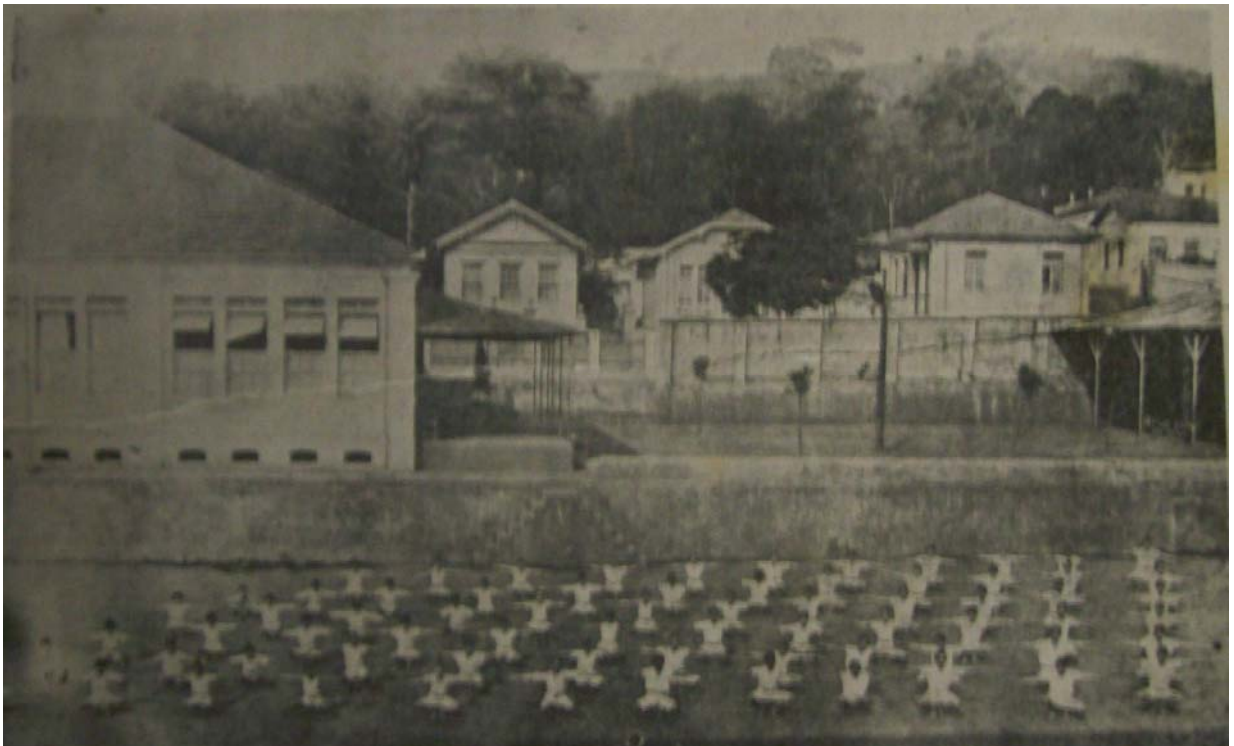


Figura 26 – Aula de ginástica
Fonte: O GRANBERY, 10/11/1926